

ISTO É

An aerial photograph showing the aftermath of a bombing in Beirut. A large, multi-story residential building has been severely damaged, with its upper floors partially collapsed and its structure exposed. Debris, including concrete, wood, and twisted metal, is scattered across the ground. A yellow excavator is positioned in the center of the rubble, likely for demolition or clearance work. To the left, the skeletal remains of another building are visible. The background shows other intact buildings, providing a stark contrast to the destruction in the foreground.

Edição 31 - 10/4/26

*Ruínas de prédios
residenciais em Beirute
depois do bombardeio
israelense que deixou
mais de 300 mortos*

GUERRA SEM FIM

Apesar do cessar-fogo, o conflito no Oriente Médio prossegue com os ataques de Israel ao Líbano e ameaças do Irã sobre o Golfo



MOHAMED AZAKIR/REUTERS

Capa

Página
20

Escombros da Universidade Shahid Beheshti, em Teerã, após ataque no dia 4

Índice

CAPA: FOTO DE DEIVISSON CARVALHO

3 ENTREVISTA

6 BRASIL

14 ECONOMIA

20 INTERNACIONAL

27 TECNOLOGIA

29 CIÊNCIA

31 GENTE

35 ESTILO DE VIDA

37 ENTRETENIMENTO

40 O MELHOR DAS REDES

41 PALAVRA POR PALAVRA



PAULO PINTO/AGÊNCIA BRASIL

Simone Tebet deixou ministério e trocou de sigla



NASA

Artemis II fotografou a lua sob vários ângulos



DIVULGAÇÃO

Keanu Reeves em "Consequência", da Apple TV

Expediente

ISTOÉ
publicações

ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.

CEO E DIRETOR EDITORIAL
Daniel Hessel Teich

ISTOÉ

EDITORA EXECUTIVA
Lena Castellón

DIRETOR DE ARTE
Alexandre Akermann

DESIGNER
Mayara Novais

DIRETOR COMERCIAL
Edgardo A. Zabala

www.istoe.com.br

Instagram
@revistaistoe

YouTube
m.youtube.com/@revistaISTOE

X
@revistaISTOE

TikTok
@revistaistoe

LinkedIn
<https://linkedin.com/company/istoe/>

Redação e correspondência

Rua Iguatemi, 192, 18º andar, Itaim Bibi,
São Paulo, SP, CEP 01451-010

ISTOÉ - A SEMANA é uma publicação
semanal de ISTOÉ PUBLICAÇÕES LTDA.,
empresa detentora das marcas ISTOÉ e
coligadas, tanto em plataformas digitais
como meios impressos.

A empresa não tem qualquer vinculação
editorial e societária com a EDITORA
TRÊS COMÉRCIO DE PUBLICAÇÕES LTDA.
(em liquidação judicial)



“O Supremo foi imprescindível para a democracia. Isso não significa que não possa ter revisões”

LEONARDO MONTEIRO

A suspeição do STF é real? O Supremo é suspeito para julgar casos?

Não podemos ignorar que cerca de 80% da população acredita que o Supremo precisa de um código de ética, um recado que merece atenção. Contudo, como membros do grupo Prerrogativas, sabemos que a Corte vem sendo atacada mais por seus acertos do que por eventuais equívocos. O STF teve papel imprescindível na defesa da democracia, especialmente nos episódios de 8 de janeiro. Isso não significa que a Corte não possa passar por revisões ou freios de contenção — debate oportuno e que ecoa experiências internacionais, como o código de ética adotado pela Suprema Corte americana em 2023. Nenhum ministro está acima de qualquer suspeita: todos devem explicações à sociedade no momento adequado. Precisamos descontaminar essa discussão e reconhecer a importância da Corte sem tratá-la como intocável.

O que deve incluir o novo Código de Ética do STF? Viagens, exposição política, decisões monocráticas ou penduricalhos?

Em tese, não precisaria estar no novo código, pois a Lei Orgânica da Magistratura já regula a conduta dos juízes. No entanto, a superexposição do Supremo e os problemas que isso trouxe para sua credibilidade impõem a necessidade de tornar as regras ainda mais claras. Uma proposta nesse sentido foi entregue ao ministro Fachin pela OAB-SP, com diversas recomendações práticas. Defendo algum tipo de autocontenção por parte da Corte, pois a continuidade do atual cenário não faz bem ao Supremo nem à democracia brasileira. O código precisa estabelecer vetores claros para reafirmar a neutralidade e imparcialidade do Judiciário, além de fortalecer mecanismos de proteção institucional. É essencial definir regras de comportamento para magistrados, independentemente de sua origem na advocacia ou em concursos públicos. Também é importante disciplinar o julgamento de casos envolvendo interesses de parentes, amigos ou adversários dos ministros. Uma experiência positiva do código americano de 2023 é a obrigação do advogado de

“O STF não é intocável”

O advogado e presidente do grupo progressista Prerrogativas, Marco Aurélio de Carvalho, defende criação de código de ética para o Poder Judiciário e reforça a fileira de aliados do governo Lula

Líder do Grupo Prerrogativas, coletivo brasileiro de advogados e juristas progressistas, o advogado Marco Aurélio de Carvalho, defende a criação urgente de um código de ética para o Supremo Tribunal Federal (STF). Reconhecendo que 80% da população apoia a medida, ele afirmou que a Corte precisa de regras claras de autocontenção, inspiradas em modelo adotado pela Suprema Corte americana em 2023. A proposta, já entregue ao ministro Edson Fachin pela OAB-SP, visa disciplinar a exposição polí-

tica dos magistrados, os julgamentos de casos com potenciais conflitos de interesse e os vazamentos seletivos — prática que, segundo ele, remete aos piores momentos da Lava Jato. O jurista enfatizou que as críticas ao STF decorrem muito mais de seus acertos na defesa da democracia do que de erros. Carvalho também se posiciona como defensor das ações do governo Lula — de quem é aliado —, desde as econômicas como as que apoiam as investigações dos casos Master e INSS.

João Vitor Revedilho

mentonar potenciais conflitos com magistrados, regra presente na proposta da OAB-SP. O debate é saudável e oportuno, mas precisamos descontaminá-lo de carga ideológica.

O pedido de impeachment de ministros deve ficar restrito à PGR (Procuradoria Geral da República) ou pode ser feito pelo Senado?

O instituto do impeachment de ministros do STF corre o risco de ser vulgarizado pelo atual ambiente de divisão e intolerância política. A prerrogativa de deflagrar esse processo pertence ao Senado Federal, mas a situação é preocupante: muitos senadores são réus ou potenciais réus das mesmas pessoas que julgariam, criando um conflito de interesses inafastável. Embora a Constituição estabeleça o Senado como foro para esse debate, não me parece um modelo ideal. Mas alterá-lo exigiria uma reforma constitucional inviável neste momento. O STF sempre foi um tribunal político, mas desde a Ação Penal 470 (Mensalão), há mais de 20 anos, passou a atuar com dimensão política ainda maior, o que preocupa os operadores do direito. A TV Justiça, apesar de trazer transparência, gerou exposição excessiva que fez a Corte abandonar parcialmente sua vocação contramajoritária. Ministros tornaram-se suscetíveis à pressão popular, o que não deveria fazer parte da equação judicial. O tribunal foi concebido para decidir com base nos autos e nos vetores jurídicos, não para responder a clamores externos.

A delação do Banco Master pode atingir os Três Poderes? Esse prazo próximo à eleição estimado para ela ser homologada não pode intervir no pleito?

O escândalo do Banco Master atingiu os Três Poderes, incluindo o próprio STF e a classe política. É importante destacar a origem: o banco estava inabilitado e voltou ao mercado em 2019, pelas mãos de [Jair] Bolsonaro e do então presidente do Banco Central (BC), Roberto Campos Neto, com apoio do ministro Paulo Guedes. O banco passou a operar com consignados do INSS por força de medida provisória (MP) assinada por Bolsonaro e Guedes. Em

2021, nova MP autorizou operações com o Auxílio Brasil. Durante todo o período de 2019 a 2022, o banco trabalhou com limites de endividamento que não chamaram a atenção de Campos Neto, algo, no mínimo, estranho. O governo Lula foi quem desbaratou o esquema, editando regras que proibiram a atuação do banco com aposentados e pensionistas. Em 2023, com apoio da Polícia Federal e do presidente do BC, Gabriel Galípolo, deflagrou-se a operação que prendeu o banqueiro. É preciso deixar claro: esse banco tem pai e mãe: Bolsonaro e Roberto Campos Neto.

Mas há suspeitas sobre as relações do Banco Master e o PT da Bahia. O quão elas podem prejudicar o governo Lula?



LEONARDO MONTEIRO

Não acredito que o escândalo atinja o governo Lula. Foi o governo que investigou o banco e colocou sua atuação sob suspeita, por meio do Banco Central liderado por Galípolo, indicado pelo presidente Lula. O BC decidiu pela liquidação da instituição. Se há envolvimento lateral de algum ministro, que isso seja apurado, garantido o devido processo legal e a presunção de inocência. Eventuais dúvidas sobre a atuação de Rui Costa [então governador da Bahia] devem ser esclarecidas, mas não há nenhum envolvimento do atual governo. Pelo contrário, o governo Lula agiu para combater a corrupção sistêmica que dominava parte do sistema financeiro, especialmente nessa área.

Como está a investigação contra Lulinha no caso INSS? Ele tem previsão para depor?

As acusações contra Fábio Luiz, filho do presidente Lula, não são novidade. Já lhe atribuíram propriedade de carros de luxo, mansões, terras e até ações da JBS, sem nunca terem provado nada. A diferença em relação aos filhos de Bolsonaro é sua postura: desde a primeira suspeita, ele se colocou à disposição do STF e ofereceu seu sigilo antes mesmo de qualquer pedido formal da Polícia Federal. O sigilo foi quebrado e criminosamente vazado, mas, após mais de um mês, não encontraram nenhuma irregularidade. A imprensa divulgou levemente que ele teria movimentado R\$ 19 milhões, o que nunca ocorreu. Sua movimentação real não chega a um quarto desse valor. O que o Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) faz é somar múltiplas movimentações do mesmo recurso, gerando números inflados. Os mesmos R\$ 100 mil podem aparecer como R\$ 420 mil ou mais, dependendo de quantas vezes foram transferidos entre contas do próprio titular. Os recursos de Fábio Luiz são de origem lícita: herança de Marisa Letícia (uma das grandes vítimas da Lava Jato), antecipação legítima do presidente Lula e venda de ativos de empresas já investigadas e absolvidas na 13ª Vara de Curitiba. Fábio Luiz permanece à disposição das autoridades para qualquer esclarecimento. Mas até agora, não há um único fato que sustente qualquer hipótese contra ele – especialmente nenhuma relação com as investigações do INSS.

Mas ele pretende prestar depoimento? Já tem alguma data?

Não, porque não tem dúvida que sustente um questionamento. Mas, se em algum momento ele for requerido a prestar esclarecimento, ele prestará. Ele quer prestar uma colaboração voluntária, espontânea e efetiva. Mas, hoje, nós temos dificuldade até de enxergar quais seriam os fatos sobre os quais esse esclarecimento poderia repousar.

A metodologia do Coaf está errada ao somar transferências como movimentação financeira?

Isso comprova que ainda vivemos na era da justiça penal midiática, movida a manchetes. No caso citado, uma movimentação real de R\$ 100 mil foi lida pelo Coaf como R\$ 200 mil, porque o recurso saiu de uma conta e entrou em outra – duas movimentações registradas, mas o mesmo dinheiro. O problema é a forma como esses dados são publicizados, pois sempre levam a opinião pública a erro. Seria necessário separar entradas de saídas e explicar os giros do mesmo recurso, para que se entenda que o valor efetivamente movimentado é muito menor do que os números brutos sugerem.

Há suspeitas de vazamentos seletivos em alguns inquéritos. Eles não comprometem a credibilidade das investigações?

Sua pergunta já contém parte da resposta: por isso fui ao delegado-geral da Polícia Federal pedir apuração rigorosa sobre os vazamentos seletivos. Esse tipo de prática nos remete ao que houve de pior na história do nosso sistema de justiça, como os anos da Operação Lava Jato, que causaram prejuízos irreparáveis à credibilidade das instituições. Recebo esses vazamentos com muita preocupação. Reafirmei minha confiança na Polícia Federal como instituição de Estado – que foi devolvida ao Estado brasileiro pelo presidente Lula, após ter sido capturada por Bolsonaro para interesses políticos e eleitorais. Bolsonaro usou a PF para blindar seus aliados e seus próprios filhos, chegando a admitir isso publicamente.

Por que os vazamentos recorrentes não são devidamente apurados pelas autoridades?

A sociedade segue dividida pelo ódio e pela intolerância e nós temos um reflexo dessa divisão nas próprias instituições. Nós temos na advocacia bons e maus elementos. Temos no Poder Judiciário bons e maus elementos. Em todas as profissões. Essa é uma condição inerente ao ser humano. E a Polícia Federal, evidentemente, não está acima disso. É uma instituição que está em disputa. Infelizmente, tem gente que faz mau uso das atribuições das funções que ocupam. Quero crer



que medidas serão adotadas em breve para proteger a própria instituição. A independência e autonomia da PF impõem responsabilidade. Agora, as instituições precisam agir com responsabilidade para manter sua autonomia. Caso contrário, a credibilidade das investigações e a própria democracia do país serão prejudicadas.

As crises que o governo passou nos últimos três anos e as dificuldades econômicas podem prejudicar a campanha de Lula em 2026?

A polarização não é surpresa. Nosso desafio é dialogar com a direita civilizada – parte dela já está no governo do presidente Lula. O governo Lula não é bom, é ótimo; talvez não esteja sabendo se comunicar, mas qualquer análise isenta mostrará os avanços. O Brasil se tornou o segundo maior destino de investimentos estruturantes. Crescemos acima da média mundial, temos pleno emprego e a menor taxa de desemprego da série histórica. Isentamos 26 milhões de brasileiros do Imposto de Renda e reduzimos tributos para quem ganha entre R\$ 5 mil e R\$ 7,5 mil. O país voltou a ter protagonismo no mundo, virou um celeiro de obras. Há dinheiro federal em tudo: portos, aeroportos, educação com o Pé de Meia. Falta um pouco de coração na chuteira – os ministros precisam sair a campo.

Qual sua expectativa para as eleições de 2026, especialmente em São Paulo com Haddad pré-candidato?

Tenho as melhores expectativas para as eleições, ao contrário de colegas pessimistas. Está se formando uma tempestade perfeita a nosso favor. Nunca tivemos palanques tão bem construídos em estados estratégicos como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em São Paulo, temos um candidato extremamente competitivo no melhor momento de sua vida pública – foi o melhor ministro da Educação da história e agora repete a façanha na Fazenda, entregando a reforma tributária após 30 anos e isentando quase 30 milhões de brasileiros do Imposto de Renda. No Rio de Janeiro, temos condição de eleger pelo menos uma senadora (Benedita) e o governador Eduardo Paes. Em Minas Gerais, vamos eleger Pacheco, que está a apenas quatro pontos atrás de Cleitinho antes mesmo do início da campanha, além da senadora Marília. No Nordeste, o presidente Lula cresceu mais de cinco pontos no Piauí e teremos palanques fortes em Pernambuco e na Bahia, enquanto Flávio Bolsonaro não terá palanque significativo em Pernambuco. O presidente Lula é o franco favorito para liderar o país na reconciliação necessária entre setores da sociedade civil. Neste mundo dividido por guerras, não há outra liderança capaz de defender a soberania brasileira com tamanha altivez. Flávio Bolsonaro tem apenas um sobrenome que pesa contra – de um golpista que levou o país ao obscurantismo e ao vice-campeonato em mortes na Covid, com 700 mil vidas perdidas. Podemos ganhar em São Paulo com Lula e Haddad. **E**



Marina e França miram o Senado, mas falta definir quem será escolhido



Caiado e Zema deixaram seus governos de olho na presidência



O jogo começou

Entre ministros e governadores que deixaram seus cargos e parlamentares que mudaram de partido, o cenário eleitoral se afunila, mas ainda há peças soltas no tabuleiro

Luma Venâncio, Marina Miano e Júlia Bleichevel

Com o fim da janela partidária — quando parlamentares puderam trocar de legenda, de olho nas eleições — e com o encerramento do prazo de desincompatibilização — data-limite para chefes do executivo renunciarem a mandatos para concorrer a outros cargos —, no sábado, 4, a corrida eleitoral ganhou novos contornos e definições, mas ainda há muita disputa pelo caminho até 15 de agosto, último dia para registro de candidaturas.

Uma das questões ainda sem respostas é quem irá concorrer ao Senado por São Paulo na chapa da esquerda. A configuração até o momento indica que Simone Tebet, que deixou o ministério do Planejamento e Orçamento e trocou de partido, saindo do MDB para o PSB, está na disputa de uma das duas vagas que deverão ser preenchidas no pleito deste ano. A segunda está pendente entre Marina Silva, que saiu do ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima e anunciou sua permanência na Rede (ela tinha convites para mudar de partido), e Márcio França (PSB), que se desincompatibilizou do ministério do Empreendedorismo. A resposta deverá tardar a ser conhecida. França já afirmou que ela poderá vir em julho.

Há, portanto, importantes negociações em curso até que o quadro elei-

toral esteja completamente definido. Mesmo na disputa pela presidência da República, em que os principais pré-candidatos já são conhecidos — com Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Flávio Bolsonaro (PL) na dianteira das pesquisas de intenção de voto —, mais um nome foi apresentado: o do escritor Augusto Cury, que se filiou ao Avante já quase no fim da janela partidária.

Com esse movimento, a direita brasileira, em todos seus espectros, acumula seis postulantes à presidência. Além de Flávio Bolsonaro, indicado pelo pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), os palanques da oposição ao governo contarão com Romeu Zema (Novo), Renan Santos (Missão), Aldo Rebelo (Democracia Cristã), Cabo Daciolo (Mobiliza) e Augusto Cury (Avante). De perfil conservador, Ronaldo Caiado (PSD) entra na corrida como a “terceira via” — o presidente do partido, Gilberto Kassab, afiança que a candidatura não é de direita, nem de esquerda.

A atual profusão de postulantes ligados ao campo da direita é quase oposta ao cenário no qual Lula se elegeu pela primeira vez. Em 2002, os candidatos à presidência incluíam Ciro Gomes (PPS), José Serra (PSDB), Anthony Garotinho (PSB), Rui Costa (PCO) e Zé Maria (PSTU). Hoje, na es-

querda, o nome mais forte é o do atual presidente. Também são pré-candidatos Hertz Dias (PSTU), Samara Martins (UP), Rui Costa Pimenta (PCO) e Edmilson Costa (PCB).

Órfão de seu principal líder, que está preso e inelegível, o campo da direita se reorganiza com nomes que buscam substituir Jair Bolsonaro ao mesmo tempo que se utilizam de seu capital político. A prisão do ex-presidente por tentativa de golpe de Estado abriu uma janela de oportunidade para que a direita tradicional e o centrão tentassem superar o monopólio do bolsonarismo sobre a agenda conservadora e oposicionista.

O diretor de análise política da Atlas Intel, Yuri Sanches, explicou que, apesar da tentativa de fragmentação, a direita ainda demonstra uma forte dependência da base bolsonarista. Candidatos que buscam se reafirmar como alternativa frequentemente precisam apelar a pautas ligadas ao grupo de extrema-direita para garantir um ponto de partida eleitoral — Caiado já garantiu que anistiará Bolsonaro se eleito.

“A direita tradicional brasileira se renovou bastante, principalmente dentro do bolsonarismo”, afirma Sanches. A sujeição ao legado do ex-presidente se dá, inclusive, na postulação do filho Flávio como herdeiro político.

No campo progressista, a esquerda não se preocupa em alimentar candidaturas que fujam da garantia petista. Para a cientista política e professora da UFAL Luciana Santana, existe um diagnóstico dentro da centro-esquerda de que “apenas Lula possui chances efetivas de alcançar vitória”. Consequentemente, o uso da popularidade do presidente se consolida como a principal aposta do grupo, o que limita o espaço para o surgimento de novos líderes. “Lula é um líder carismático, que já tem um percentual de votos que é muito cristalizado”, diz Luciana.

Segundo parte do próprio campo progressista, a falta de outros nomes é um dos pontos críticos do quadro eleitoral atual. Eles apontam que Lula não representa mais os projetos políticos da esquerda tradicional, e sim uma adaptação social-democrática.

Ainda que em conjunturas antônimas, direita e esquerda passam por outro complicador, a polarização. Os



A última reunião de Lula com os ministros antes das mudanças foi em 31 de março

FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

postulantes Lula e Bolsonaro atraem não apenas os “votos positivos”, mas também os “negativos” — ou seja, a rejeição. A reprovação por um desses candidatos leva alguns votantes a fazer uma escolha estratégica. “O eleitor pode até preferir um candidato, mas se há risco real de que o lado que rejeita vença a eleição, ele faz um voto um pouco mais pragmático, no lado que tem

maior viabilidade de conter o candidato rejeitado”, aponta Sanches.

Pulverização não beneficia Lula

O consenso dos especialistas é de que a distribuição de candidaturas mais à direita não configura um cenário positivo para Lula. Ainda que sejam capazes de pulverizar votos no primeiro turno, no dia 4 de outubro, os postulantes

serão um obstáculo em eventual segundo turno, no dia 25 de outubro — cenário projetado pelas pesquisas eleitorais.

Uma vez espalhadas no campo da oposição, as candidaturas terão Lula como principal alvo e tendem a harmonizar um coro de críticas nos debates, horários eleitorais, propagandas e discursos. Vale lembrar que na corrida eleitoral anterior, os votos arrecadados

Mudanças nos ministérios

Houve 18 alterações no quadro ministerial. Apenas uma, a saída do titular da pasta de Pesca e Aquicultura, não foi causada por razão eleitoral

Ministério	Entra	Cargo anterior	Sai	Motivo
Desenvolvimento, Indústria e Comércio	Márcio Elias Rosa	Secretário-executivo da pasta	Geraldo Alckmin	Disputa a reeleição como vice de Lula
Fazenda	Dario Durigan	Secretário-executivo da pasta	Fernando Haddad (PT)	Concorre ao governo de São Paulo
Transportes	George Santoro	Secretário-executivo da pasta	Renan Filho (MDB)	Concorre ao governo de Alagoas
Educação	Leonardo Barchini	Secretário-executivo da pasta	Camilo Santana (PT)	Pode disputar o governo do Ceará ou uma vaga ao Senado
Agricultura, Pecuária e Abastecimento	André de Paula	Ministro da Pesca e Aquicultura	Carlos Fávaro (PSD)	Deve disputar o Senado por Mato Grosso
Casa Civil	Miriam Belchior	Secretária-executiva da pasta	Rui Costa (PT)	Deve disputar o Senado pela Bahia
Cidades	Antonio Vladimir Moura Lima	Secretário-executivo da pasta	Jáder Filho (MDB)	Disputa vaga como deputado federal pelo Pará
Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar	Fernanda Machiaveli	Secretária-executiva da pasta	Paulo Teixeira (PT)	Disputa a reeleição como deputado federal por São Paulo
Direitos Humanos	Janine Mello	Secretária-executiva da pasta	Macaé Evaristo (PT)	Disputa a reeleição como deputada estadual em Minas Gerais
Empreendedorismo	Tadeu Alencar	Deputado Federal (PSB)	Márcio França (PSB)	Possível disputa pelo Senado por São Paulo
Esporte	Paulo Henrique Perna Cordeiro	Secretário nacional de Esporte Amador, Educação, Lazer e Inclusão Social	André Fufuca (PP)	Deve disputar o Senado pelo Maranhão; a Câmara também está na mira
Igualdade Racial	Rachel Barros de Oliveira	Secretária-executiva da pasta	Anielle Franco (PT)	Disputa vaga como deputada federal pelo Rio de Janeiro
Meio Ambiente	João Paulo Capobianco	Secretário-executivo da pasta	Marina Silva (Rede)	Possível disputa pelo Senado por São Paulo
Pesca e Aquicultura	Rivetla Edipo Cruz	Secretário-executivo da pasta	André de Paula	Assumiu como ministro da Agricultura
Planejamento e Orçamento	Bruno Moretti	Secretário de Análise Governamental da Casa Civil	Simone Tebet (PSB)	Disputa o Senado por São Paulo
Portos e Aeroportos	Tomé Barros Monteiro da Franca	Secretário-executivo da pasta	Sílvio Costa Filho (Republicanos)	Disputa a reeleição como deputado federal por Pernambuco
Povos Indígenas	Eloy Terena	Secretário-executivo da pasta	Sônia Guajajara (PSOL)	Disputa a reeleição como deputada federal por São Paulo
Relações Institucionais da Presidência	Marcelo Costa (interino)	Secretário-executivo da pasta	Gleisi Hoffmann (PT)	Disputa o Senado pelo Paraná

A situação nos estados

Confira quem renunciou de olho nas eleições e quem tentará mais um mandato eleitoral

	Quem	Situação
AC	Gladson Cameli (PP)	Em primeiro mandato; renunciou para concorrer ao Senado
AL	Paulo Dantas (MDB)	Cumprirá o mandato e apoiará Renan Filho (MDB) à sucessão
AP	Clécio Luís (União Brasil)	Concorrerá à reeleição
AM	Wilson Lima (União Brasil) e o vice Tadeu de Souza	Lima concorrerá ao Senado. Souza deve tentar vaga de deputado federal. Roberto Cidade (União Brasil), presidente da Assembleia Legislativa, assumiu; é candidato à reeleição
BA	Jerônimo Rodrigues (PT)	Concorrerá à reeleição
CE	Elmano de Freitas (PT)	Concorrerá à reeleição
DF	Ibaneis Rocha (MDB)	Concorrerá ao Senado. Celina Leão (PP) assumiu e será candidata à reeleição
ES	Renato Casagrande (PSB)	Concorrerá ao Senado. Ricardo Ferraço (MDB) assumiu e será candidato à reeleição
GO	Ronaldo Caiado (PSD)	Concorrerá à presidência da República. Daniel Vilela (MDB) assumiu e será candidato à reeleição
MA	Carlos Brandão (sem partido)	Cumprirá o segundo mandato e apoiará o sobrinho, Orleans Brandão (MDB), à sucessão
MT	Mauro Mendes (União Brasil)	Concorrerá ao Senado. Otaviano Pivetta (PP) assumiu e será candidato à reeleição
MS	Eduardo Riedel (PP)	Concorrerá à reeleição
MG	Romeu Zema (Novo)	É pré-candidato à presidência da República. Mateus Simões (PSD) assumiu o cargo e será candidato à reeleição
PA	Helder Barbalho (MDB)	Concorrerá ao Senado. Hana Ghassan (MDB) assumiu e será candidata à reeleição
PB	João Azevêdo (PSB)	Concorrerá ao Senado. Lucas Ribeiro (PP) assumiu e será candidato à reeleição
PR	Ratinho Júnior (PSD)	Cumprirá seu segundo mandato. Não definiu apoio à sucessão
PE	Raquel Lyra (PSD)	Concorrerá à reeleição
PI	Rafael Fonteles (PT)	Concorrerá à reeleição
RJ	Cláudio Castro (PL)	Renunciou e foi declarado inelegível pelo TSE. Apoiará o ex-secretário Douglas Ruas (PL) à sucessão
RN	Fátima Bezerra (PT)	Cumprirá seu segundo mandato. Apoiará o ex-secretário Cadu Xavier (PT) à sucessão
RS	Eduardo Leite (PSD)	Cumprirá o segundo mandato. Apoiará o vice-governador Gabriel Souza (MDB) à sucessão
RO	Marcos Rocha (PSD)	Cumprirá o segundo mandato; não definiu apoio à sucessão
RR	Antonio Denarium (PP)	Concorrerá ao Senado. Edilson Damião (MDB) assumiu e será candidato à sucessão
SC	Jorginho Mello (PL)	Concorrerá à reeleição
SP	Tarcísio de Freitas (Republicanos)	Concorrerá à reeleição
SE	Fábio Mitidieri (PSD)	Concorrerá à reeleição
TO	Wanderlei Barbosa (Republicanos)	Cumprirá seu segundo mandato. Apoiará a senadora Dorinha Seabra (União Brasil) à sucessão

pela “terceira via” de Simone Tebet (então no MDB) e Ciro Gomes (à época PDT e hoje PSDB) não migraram para Lula. Com isso, de todo modo o segundo turno de 2026 representará um desafio para a base governista.

“O esforço de comunicação da base vai ter de ser direto com o eleitor, porque uma costura de aliança, de apoio do primeiro para o segundo turno com alguma das candidaturas atuais é praticamente inviável”, pondera Sanches.

Tabuleiro mexido

As trocas de legendas realizadas pouco antes do fim da janela partidária configuraram um novo jogo de alianças. A movimentação — que agitou os bastidores de Brasília — consolidou o PL como a força dominante na Câmara dos Deputados. O partido, que já detinha a maior bancada da Casa, foi o que mais se beneficiou, ampliando sua vantagem competitiva para o pleito de 2026, ultrapassando a marca dos 100 parlamentares. Em contrapartida, o União Brasil registrou o desempenho mais negativo, sofrendo uma debandada de quadros.

O PL registrou a entrada de 17 novos deputados e a saída de quatro. Já o PT, segunda maior bancada, manteve-se estável, mas registrou uma baixa com a saída da deputada Luizianne Lins (CE), que migrou para o Rede. O União Brasil contabilizou 18 saídas e apenas duas adesões. A perda de capilaridade da sigla reflete dissidências internas e a migração de nomes para o bloco de oposição liderado pelo PL.

Entre os nomes que migraram do União Brasil para o partido do clã Bolsonaro estão o relator da CPMI do INSS, Alfredo Gaspar (AL), Rosângela Moro (SP), Coronel Assis (MT) e Nicoletti (RR). Já Kim Kataguirí deixou a legenda liderada por Antônio Rueda para migrar para o Missão, partido criado pelo MBL.

O PSDB, que aparece na segunda posição no ranking de legendas que mais angariou deputados federais, busca ampliar seu papel de destaque no cenário político nacional. Um reforço importante para a legenda foi o ex-ministro das Comunicações do governo petista Juscelino Filho (MA), que deixou o União Brasil.



JEFFERSON RUDY

O PL de Flávio Bolsonaro aumentou sua base com a janela partidária. Uma novidade da sigla é Sergio Moro, que se reaproximou da família

Já a deputada Duda Salabert (MG) saiu do PDT e retornou ao PSOL, o deputado Otoni de Paula (RJ) migrou do MDB para o PSD, e a deputada Luisa Canziani (PR), do PSD para o PP.

Além da mudança de Simone Tebet, agora no partido do vice-presidente Geraldo Alckmin (que será candidato à reeleição com Lula), o PSB, chamaram

atenção os movimentos dos senadores Sergio Moro (PR) e Rodrigo Pacheco (MG). O primeiro saiu do União Brasil rumo ao PL, em reaproximação com a família Bolsonaro. Moro irá disputar o governo do Paraná.

Ex-presidente do Senado, Pacheco se filiou ao PSB para possivelmente concorrer ao governo de Minas Gerais.

Ele deixou o MDB. A mudança sugere o fim de um período de indecisão sobre o destino político do senador, que inicialmente sinalizava que deixaria a vida pública. A candidatura em Minas será palanque de Lula, com quem Pacheco debateu acerca da nova filiação. O União Brasil esteve no radar da articulação, mas a aliança com o PSB foi selada após conversa com o presidente nacional da legenda, João Campos.

E houve ainda a crucial transferência do ex-governador de Goiás Ronaldo Caiado, que trocou o União Brasil pelo PSD em janeiro passado na tentativa de disputar a presidência, possibilidade confirmada após a desistência de Ratinho Jr., governador do Paraná, de concorrer ao Palácio do Planalto – era ele que tinha a preferência do presidente da sigla, que tinha à disposição ainda o governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite.

Governadores e ministros

Por falar nos governos estaduais, em 10 das 27 unidades da federação, os eleitores viram os vices-governadores assumirem no lugar dos titulares em razão da desincompatibilização. Como em pleitos anteriores, o destino preferencial é o Senado Federal. Nove renúncias foram movidas pelo desejo de trilhar o caminho rumo à Casa Alta. Eram governadores em segundo mandato, o que encerra a possibilidade de reeleição. As duas que restam na lista foram motivadas por candidaturas à presidência da República. Ou seja, Caiado e Romeu Zema (Novo), que renunciou ao governo de Minas Gerais.

Já no governo Lula, 17 ministros foram exonerados para disputar as eleições. Um dos anúncios mais aguardados dos últimos meses era a da saída de Fernando Haddad (PT), que comandava o ministério da Fazenda e que agora concorre ao governo de São Paulo. Entre os petistas, Gleisi Hoffmann, ex-ministra-chefe da Secretaria de Relações Institucionais, é candidata ao Senado pelo Paraná, enquanto Camilo Santana, que liderava a Educação, é cotado ao governo do Ceará. Sua candidatura ainda não está definida, mas, se ele não concorrer ao posto, será a linha-mestra da campanha no estado. **E**

Troca de partidos

Lideranças políticas aproveitaram a janela partidária para reorganizarem suas alianças. Com isso, a grade das legendas também sofreu mudanças importantes. Abaixo, algumas.

Quem	Cargo	Antigo partido	Nova legenda	Motivo
Simone Tebet	Ministra do Planejamento			Disputar o Senado por São Paulo
Sergio Moro	Senador			Concorrer ao governo do Paraná
Ronaldo Caiado	Governador De Goiás			Disputar a presidência da República.
Kim Kataguiri	Deputado Federal			Tentar a reeleição ou se candidatar ao governo de São Paulo
Rodrigo Pacheco	Senador			Disputar o governo de Minas Gerais
Carlos Viana	Senador			Tentar a reeleição ao Senado por Minas Gerais
Soraya Tronicke	Senadora			Buscar a reeleição ao Senado pelo Mato Grosso do Sul

Agora vai?

Após meses de espera, indicação de Jorge Messias pode ser pautada nos próximos dias no Senado e, enfim, completar a composição do Supremo Tribunal Federal

João Vitor Revedilho



RENATO MENEZES/SCOMAGU

Jorge Messias, ministro da AGU, será sabatinado no Senado no dia 29 de abril

Quase seis meses depois do anúncio, o Senado deve votar nos próximos dias a indicação do ministro-chefe da Advocacia-Geral da União (AGU), Jorge Messias, para a vaga no Supremo Tribunal Federal (STF). A sabatina de Messias na Casa Alta será no dia 29 de abril, com votação no plenário prevista para o mesmo dia.

O nome do ministro da AGU foi oficializado em novembro do ano passado, mas o impasse entre o Palácio do Planalto e o presidente do Congresso

Nacional, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), sobre a indicação travou a análise do nome. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) cobrou uma intensa articulação de aliados do governo para a aprovação do pupilo, mas o Senado ainda tinha predileção pelo nome do senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG), preterido por Lula devido aos planos do petista para o parlamentar na disputa ao governo de Minas Gerais nas eleições deste ano. O destrave da indicação de Messias só saiu após o

Planalto enviar a mensagem oficial ao Congresso na semana passada. Após a entrega do documento, aliados petistas passaram a se reunir com Alcolumbre para tentar apaziguar as relações e tentar reduzir as resistências do presidente do Senado. No começo da semana, o chefe do Salão Azul já tinha dado sinalizações para aliados de que levaria a indicação de Messias para frente.

De acordo com senadores, o relator da indicação, senador Weverton Rocha (PDT-MA), prepara para dar o aval para a nomeação do ministro da AGU. A leitura do relatório está prevista para o dia 15 de abril na CCJ.

Apesar do avanço da indicação, Jorge Messias ainda sofre certa resistência nos bastidores. Fontes relataram à reportagem que o ministro da AGU tem pelo menos 37 votos garantidos na conta para emplacar seu nome no STF. São necessários 41 votos para ter a indicação aprovada. Para conseguir se viabilizar, Messias tem batido nas portas dos gabinetes em busca de aprovação. Por trás, aliados de Lula e até da oposição tem se articulado pelo nome do ministro, como o bispo Samuel Ferreira, da Assembleia de Deus do Brás, e do ministro André Mendonça, da própria Suprema Corte. Além de Mendonça, Messias tem o aval de outros membros da Corte como os ministros Cristiano Zanin, Gilmar Mendes e o presidente do tribunal, Edson Fachin.

O cenário passou a ser mais animador para Messias após um jantar na casa do senador Lucas Barreto (PSD-AP) na quarta-feira, 8, no Lago Sul, região nobre de Brasília. O cardápio teve direito à peixe e uma pitada de alívio com os indicativos de parlamentares de que poderá atingir a aprovação no plenário da Casa. Há a expectativa, inclusive, de apoio de parte da oposição, em contrapartida à votação do veto do PL da Dosimetria no Congresso, marcado por Alcolumbre para o dia 30 de abril, em sinalização para os bolsonaristas.

Messias foi indicado para a vaga do ex-presidente da Corte, Luís Roberto Barroso, que se aposentou em outubro do ano passado. Após a aprovação, o ministro da AGU deverá tomar posse como ministro do STF. A cerimônia ainda não tem data prevista. **E**

Eleição indefinida

Flávio Dino pede vista do processo e adia julgamento sobre mandato-tampão para governo do Rio de Janeiro; placar do STF está 4x1 a favor da escolha indireta

A definição de como será feita a eleição para o mandato-tampão de governador e vice-governador do Rio de Janeiro, que será determinada em julgamento no plenário do Supremo Tribunal Federal (STF), foi adiada. O ministro Flávio Dino pediu vista do processo, postergando a decisão a respeito de como será essa escolha, se indireta (com votos dos deputados da Assembleia Legislativa, conhecida como Alerj) ou direta (pelos eleitores).

A situação foi gerada a partir da renúncia de Cláudio Castro (PL) no dia 23, sob argumento de disputar uma vaga no Senado. Ele fez o anúncio na véspera de um julgamento do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em que era

acusado de irregularidades eleitorais ligadas à campanha de 2022 (por abuso de poder econômico e político). A renúncia ao cargo se deu em uma tentativa de evitar a cassação, sinalizada a partir do voto da relatora do caso, a ministra Isabel Gallotti, em novembro. A destituição foi confirmada na terça-feira, 24, e Castro se tornou inelegível pelos próximos oito anos.

O plenário do STF começou a julgar o processo na quarta-feira, 8. No primeiro dia, o ministro Cristiano Zanin votou pela realização de eleições diretas, mas evitou tratar de pontos como formato e datas do pleito. Segundo ele, esses detalhes devem ser definidos pelo plenário após a conclusão do julgamento.

De outro lado, o ministro Luiz Fux divergiu e se posicionou a favor da realização de eleições indiretas no Rio, citando a proximidade do pleito de outubro. Esse argumento tem ecoado na Corte. Fala-se que há fortes possibilidades de os ministros optarem pela votação conduzida pelos deputados estaduais, em virtude da logística necessária para se planejar duas eleições para governador no mesmo ano.

No dia 27 de março, Zanin suspendeu liminarmente a realização de eleições indiretas para o cargo. Na mesma decisão, pediu destaque no julgamento da ADI 7.942, sob relatoria do ministro Luiz Fux, que discute as regras para a eleição ao governo do Rio. São essas duas ações que passam pelo escrutínio dos ministros.

Em qualquer cenário, os novos ocupantes do Palácio Guanabara ficarão no cargo até 31 de dezembro, já que o próximo governador, que cumprirá mandato integral, será eleito em outubro por voto direto, como ocorre em todo o país.

O julgamento foi retomado na quinta-feira, 9. Na primeira manifestação do dia, Dino pediu vista do processo. Ele sustenta que seu voto só poderá ser feito após a publicação do acórdão do TSE sobre o caso de Castro. O pedido de vista foi recebido com divergências de outros magistrados — André Mendonça, Nunes Marques e Cármen Lúcia pediram para antecipar seu voto e concordaram com a posição de Fux de que a eleição deve ser indireta. Desse modo, o placar no STF, que tinha ficado empatado na primeira sessão, agora está 4x1 a favor da decisão indireta.

"Rio é Gotham City"

Após a leitura dos relatórios de Fux e Zanin no primeiro dia do julgamento, o advogado Thiago Fernandes Boverio, que representa o Partido Social Democrático (PSD), autor das duas ações sobre o tema no Supremo, defendeu em sustentação oral a realização de eleição direta no Rio de Janeiro.

O advogado comparou o estado a Gotham City, cidade fictícia dos filmes do super-herói Batman. Ele afirmou que, se a escolha for indireta, o eleito "não será o Batman, mas sim o Coringa".



Dino aguarda a publicação do acórdão do TSE sobre o caso de Claudio Castro, que está inelegível

ROSINEI COUTINHO/STF

O advogado Gustavo da Rocha Schmidt, segundo a sustentar pelo PSD, afirmou que o Rio de Janeiro vive uma “doença generalizada”, com “contaminação” das instituições pelo crime organizado, e que eleições diretas seriam a única forma de “recuperar a esperança da população fluminense e garantir um futuro minimamente decente”. Segundo ele, se a escolha ficar a cargo da Alerj, o resultado será um “desastre anunciado”.

Terceiro a falar pelo partido, o ex-procurador-geral da República — nos governos Fernando Collor e Itamar Franco — Aristides Junqueira afirmou que “não há outra saída no caso concreto senão a realização de eleição direta”.

Na terça-feira, 7, a Procuradoria-Geral da República (PGR) tinha enviado ao Supremo um parecer em que defende a realização de eleição direta para a escolha do novo governador.

Na avaliação do procurador-geral da República, Paulo Gonet, a renúncia de Castro “em meio ao julgamento (de um processo contra o governador no TSE) é uma manobra para fugir das consequências legais pelos fatos em julgamento na Corte eleitoral”. Ele afirmou que se for admitido procedimento dessa ordem “a eficácia do direito eleitoral e da própria autoridade da Justiça eleitoral perderia substância”.

O presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ), desembargador Ricardo Couto de Castro, comanda o Estado neste momento.

Divergências nos votos

Na primeira rodada de votações, ao analisarem a ação que questiona as regras do Rio de Janeiro para uma eventual eleição indireta, em caso da saída simultânea do governador e do vice de seus cargos nos últimos anos de mandato, Fux afirmou que os Estados têm autonomia para definir esse tipo de procedimento, desde que respeitados os limites da Constituição.

O ministro destacou que o cenário fluminense exige uma leitura mais cuidadosa das normas, justamente por envolver uma situação atípica e sensível do ponto de vista institucional. Ao tratar da forma de votação, Fux reconheceu que a regra geral nas deliberações legislativas é a publicidade, mas ava-

Fux aponta indícios de fragilidade institucional no Rio e risco de influência do crime organizado no pleito



GUSTAVO MORENO/STF

liou que, no caso do Rio, esse princípio pode acabar comprometendo a liberdade de decisão dos parlamentares.

Segundo Fux, há fortes indícios de fragilidade institucional e risco de influência do crime organizado no pleito, o que poderia gerar pressões indevidas sobre os deputados. Por isso, defendeu a adoção do voto secreto.

Zanin, que defende a eleição direta, acompanhou parcialmente o voto de Fux. Para ele, a lei estadual deve ter aplicação mais limitada, já que não diferencia situações em que a vacância decorre de causas eleitorais ou não. De acordo com o ministro, quando a vacância tem origem eleitoral, como no caso de Cláudio Castro, não cabe ao estado do Rio definir as regras, pois prevalece a legislação federal. Por isso, defendeu que a norma fluminense não seja aplicada nesses casos.

Em relação aos pontos específicos da norma, Zanin divergiu de Fux quanto ao modelo de votação. Para ele, o voto aberto deve ser mantido, por garantir mais transparência e permitir maior controle social sobre a atuação dos deputados em eleições indiretas.

A condenação de Castro

Em 24 de março, o TSE condenou o ex-governador do Rio e o declarou inelegível até 2030. Castro teria o mandato cassado, mas renunciou ao cargo um dia antes do julgamento.

Segundo a acusação do processo sobre irregularidades eleitorais em 2022, a Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos (Ceperj) e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) teriam sido utilizadas para criar mais de 27 mil cargos irregulares comissionados para empregar cabos eleitorais e favorecer a reeleição do governador na ocasião.

O próximo da linha sucessória para assumir o cargo seria o vice-governador Thiago Pampolha, que deixou o cargo para assumir uma vaga no Tribunal de Contas do Estado (TCE-RJ). Ele também foi condenado pelo TSE.

Na sequência, assumiria o presidente da Assembleia, Rodrigo Baccellar (União Brasil), que está preso sob suspeita de ter vazado informações da Operação Zargun, da Polícia Federal. **E**

*Durigan: governo
irá subsidiar, por
dois meses, o GLP
importado, o gás
de cozinha*



WASHINGTON COSTA/ME

Combo anti-inflação

Governo federal reforça pacote de medidas de olho no efeito da guerra no Oriente Médio; nova subvenção ao diesel tem custo de R\$ 3 bilhões por mês

Ana Carolina Nunes

Em meio à tensão no Oriente Médio, o governo federal anunciou mais um combo de ações para conter o impacto da guerra sobre o preço dos combustíveis. Com a contínua volatilidade do barril de petróleo, que voltou a ultrapassar os US\$ 110 o barril, a primeira medida foi uma nova subvenção ao diesel, de R\$ 0,80, aos produtores brasileiros. Ela será realizada com recursos federais, a um custo estimado de R\$ 3 bilhões por mês e deverá durar dois meses, podendo ser prorrogada por igual período.

A Medida Provisória (MP) do governo envolveu o setor aéreo e o gás de cozinha. Sobre o efeito às contas do governo, o ministro da Fazenda Dario Durigan ressaltou que a maior parte do gasto com o plano será compensada pela arrecadação extraordinária gerada

por ganhos das empresas petrolíferas diante da cotação mais alta do barril, além do já implementado imposto de exportação do petróleo.

Cálculo da Warren Investimentos, conduzido pelo economista-chefe da casa Felipe Salto, indica impacto fiscal bruto de R\$ 34,7 bilhões se as medidas vigorarem até agosto, prazo considerado plausível para a duração das medidas. Incluas as compensações, a cifra cai para R\$ 15,7 bilhões.

Em contrapartida à subvenção ao diesel anunciada nesta semana, os produtores devem aumentar o volume vendido a distribuidores e garantir o repasse do benefício aos preços ao consumidor. A iniciativa se soma à subvenção de R\$ 0,32 por litro que foi anunciada em 12 de março. O ministro ressaltou que a maior parte do gasto com o plano

contra efeitos da guerra será compensada pela arrecadação extraordinária gerada por ganhos das empresas petrolíferas com a cotação mais alta do barril.

A nova medida difere de outra focada em diesel importado e que depende da participação dos estados para ser formulada. A iniciativa anunciada há duas semanas prevê um desconto de R\$ 1,20 por litro de diesel, sendo R\$ 0,60 de subsídio federal e R\$ 0,60 estadual. Durigan afirmou que dois, dos 27 estados, não fizeram a adesão ao programa, mas não quis revelar quais.

O governo também publicará decreto que zera os dois tributos federais – PIS e Cofins – que incidem sobre o biodiesel, gerando uma economia de R\$ 0,02 por litro do combustível. Hoje ele é adicionado ao óleo diesel vendido nas bombas, em uma proporção de 15%.

A iniciativa que vai subsidiar os produtores de diesel foi concretizada por meio de MP e prevê subvenção voltada ao Gás Liquefeito de Petróleo (GLP) importado, o gás de cozinha. O governo pagará uma subvenção de R\$ 850,00 sobre cada tonelada de GLP, com valor total de R\$ 330 milhões.

Com isso, o produto importado será comercializado ao mesmo preço daquele produzido no Brasil. A subvenção também terá duração de dois meses, podendo ser prorrogada por mais dois. Além dos produtores e das famílias consumidoras, a MP se estendeu ao setor aéreo, já que o PIS/Cofins QAV (querosene de aviação) foi zerado, o que equivale a uma redução de R\$ 0,07 por litro do combustível.

As companhias aéreas estão desobrigadas do pagamento de tarifas de navegação aérea durante este período. O montante poderá ser pago em dezembro, referentes aos meses de abril, maio e junho. A iniciativa prevê duas novas linhas de crédito. A primeira conta com recursos do Fundo Nacional de Aviação Civil, no valor total de até R\$ 2,5 bilhões por mutuário. Os financiamentos serão operados pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). A segunda linha terá foco no capital de giro de seis meses, com R\$ 1 bilhão alocados, e condições financeiras e elegibilidade a serem definidas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), com risco da União. **E**



A DPZ se recuperou com nova gestão, processos ágeis e uso de dados com IA e sem perder a essência criativa

DIVULGAÇÃO

Volta por cima

Como a DPZ, a “mãe das agências”, se reconstruiu cinco anos após perder seus maiores clientes

Matheus Almeida

Como uma fênix, a agência DPZ, uma das mais icônicas da publicidade brasileira, demonstra que ressurgiu com força no mercado, após superar um período dramático motivado pela perda de alguns de seus maiores clientes. Em 2021, houve um processo de cisão, com o então CEO, Eduardo Simon, deixando o cargo para abrir seu próprio negócio e levando junto marcas com verbas vultosas e parte da equipe, o que abalou as estruturas da emblemática empresa. Hoje, com novos clientes, como Grupo Campari, XP, Eli Lilly, L'Oréal e Sportingbet, e crescimento regular, voltou a se destacar no setor.

No ano da cisão, a queda no faturamento foi brutal – no mercado, corria o burburinho de que a DPZ, a

“mãe de todas as agências”, como já foi chamada, iria fechar as portas. No ano seguinte, os números continuaram negativos. O cenário melhorou a partir de 2023, quando a receita subiu 48%, segundo a empresa. O ritmo positivo se manteve em 2024 (31,5%) e em 2025 (24,5%). Parte da recuperação se deve à manutenção de clientes como Electrolux, Ypê, Pizza Hut e Renault.

Agora, passados esses cinco anos de ajustes, foi retomado o patamar de 2021 (antes da cisão), segundo a agência. A DPZ, que faz parte do Grupo Publicis, de origem francesa, desde 2011, não informa faturamento. No ranking das 50 maiores agências, divulgado em 2025 pelo veículo especializado Meio & Mensagem, com dados referentes a

2024, a empresa figurou entre as que movimentaram, em média, R\$ 939 milhões em compra de mídia para veiculação de campanhas dos clientes. Já na lista divulgada nesta semana pelo Cenp, entidade do mercado, a agência ficou em 13º lugar, entre as 20 maiores.

Para conduzir a transição pós-ruptura, o então chefe de operações da DPZ, Fernando Diniz, assumiu como CEO. Ele investiu na mudança de cultura interna, reconfigurando a empresa para formar um ambiente mais transparente e tranquilo. Outras medidas foram a ampliação da representatividade negra para cerca de 30% dos trabalhadores, e a inclusão de uma mulher negra, Rejane Romano, no Conselho.

No mesmo ano, Diniz convidou o diretor de arte e empresário Benjamin Yung Junior para dividir o comando da agência – o período com dois co-CEOs perdurou até o fim de 2024. Yung descreve a DPZ hoje como mais horizontal e ágil. “É a mesma essência criativa, mas uma nova energia, um novo jeito de trabalhar, novos processos”, diz. Ele destaca ainda o uso de um robusto banco de dados com inteligência artificial (IA) para analisar audiência e direcionar a comunicação dos seus clientes da melhor forma possível, vantagem disponibilizada pela Publicis.

Atualmente, Yung comanda a empresa sozinho. O sucesso da transformação cultural foi tanto que a Publicis alocou Diniz para ser CEO de outra empresa do grupo, a Leo Burnett. Ele deixou o cargo em dezembro de 2024.

Para Yung, a nova fase está marcada por vitórias em concorrências disputadas, nos dois últimos anos, como as conquistas das contas de Sportingbet, Petra, Grupo Campari, XP, Lilly e Mars. “O pipeline robusto reforça a confiança do mercado”. Para a Sportingbet, a agência criou uma campanha recente com o astro da NBA Shaquille O’Neal que virou embaixador da marca – ou Monster Vice-President (MVP).

Outro aspecto que o CEO ressalta a respeito da retomada da DPZ é que a agência ajudou algumas marcas a assumirem a liderança de segmentos. Yung mencionou a Electrolux, no setor de eletrodomésticos no Brasil, e a Tixan Ypê, que em 2025 superou Omo como sabão em pó mais vendido no país.



O astro da NBA Shaquille O'Neal virou embaixador da Sportingbet, uma das marcas que a agência conquistou recentemente

FOTOS DIVULGAÇÃO

História repetida

A saída de Simon, que levou as contas de Itaú, Natura e McDonald's, não foi o primeiro movimento de ruptura que tirou a agência do prumo. Fundada em 1968 por Roberto Duailibi, Francesc Petit e José Zaragoza, cujas iniciais dos sobrenomes batizaram a agência, a DPZ é considerada um berço criativo. Foi lá que o aclamado Washington Olivetto, considerado um dos maiores gênios do ramo internacionalmente, começou sua carreira e permaneceu por 14 anos até 1986, quando deixou a casa com clientes e parte do time para criar a W/GGK (rebatizada depois como W/Brasil e, em 2010, como W/McCann após fusão com a estadunidense McCann Erickson).

Outras lendas do ramo passaram pela agência, como Marcello Serpa (ex-sócio da AlmapBBDO) e Nizan Guanaes (ex-sócio da DM9). A DPZ criou personagens de propagandas icônicas, como o Garoto Bombril, o Leão da Receita Federal, o frango da Sadia e o Baixinho da Kaiser. E essa base é reconhecida até hoje.

Assim como Olivetto, Simon levou para sua nova agência, a Galeria, contas de volumes financeiros robustos, mas não foi apenas esse lado que pegou para a DPZ. O Itaú era um cliente tão antigo na casa que uma parte da história da marca está ligada à empresa fundada por Duailibi, Petit e Zaragoza. A cor laranja, por exemplo, foi uma estratégia desenvolvida pela agência para destacar o banco no cenário urbano acinzentado.

Olivetto, na época, anunciou sua saída repentinamente e seguiu para falar com a imprensa sobre seus novos projetos. Simon buscou o Grupo Publicis para negociar seu desligamento. “Acho que a gente conseguiu, por um lado, preservar a DPZ, deixando lá contas importantes que a gente havia conquistado. Criamos um negócio novo que levou como herança a história da DPZ”, afirma Simon.

O fato de fazer parte de uma holding internacional, na análise de Emmanuel Publio Dias, professor da ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing), contribuiu para a saída de parte dos profissionais da casa para a Galeria. “Não estou fazendo juízo de valor do trabalho ou das políticas da Publicis, mas obviamente você ter de responder a um acionista majoritário provoca a saída de profissionais que querem se manter independentes”, diz Dias.

A gestão da Publicis conseguiu no entanto alavancar a DPZ para o século digital. Antes mesmo da cisão, Fernando Diniz, ainda como chefe de operações, transformou a agência de uma empresa focada em mídias tradicionais para uma unidade criativa apta a operar na internet. A holding desenvolveu ferramentas próprias que permitem acelerar projetos com a ajuda de operações de várias partes do mundo.

A mudança do mercado

Com um modelo de várias unidades independentes e com distintos focos no mercado de comunicação, a Galeria é apontada pelo jornalista e

empresário Pyr Marcondes, autor de “História Da Propaganda Brasileira”, como “o mais bem acabado hoje na publicidade brasileira”.

Marcondes acredita, no entanto, que nenhuma agência hoje alcançaria a força da DPZ durante suas primeiras décadas, e particularmente na fase áurea em que Washington Olivetto atuava como dupla criativa de Francesc Petit. Na sua visão, o mercado publicitário como um todo – e não apenas no Brasil – não se adaptou à chegada da internet e às disrupções provocadas pelo avanço do digital no cotidiano das pessoas. Assim, a propaganda acabou por perder relevância.

Surgiram agências nascidas no digital. “Elas sabem fazer outro tipo de publicidade, que funciona. É propaganda da performance, de anunciar no Google e no Facebook, extrair o maior número de likes, de views, de conversão”, analisa Marcondes. “Eu não acho que seja desnecessário. É importante. Porém elas não são tão criativas”.

A DPZ mantém seu posicionamento – cunhado desde os tempos dos fundadores (já falecidos) – que coloca a criatividade no centro do negócio. “Hoje, as marcas chegam na DPZ porque elas querem ser marcas amadas e relevantes culturalmente. Querem ser líderes na sua categoria”, reforça Gabriela Onofre, CEO do Grupo Publicis. 



Benjamin Yung Junior, CEO da DPZ: a atual fase está marcada por vitórias em concorrências disputadas e com clientes na liderança de segmentos

Benefício ampliado para os pais

O que muda com a nova lei da licença-paternidade, que irá aumentar a dispensa do serviço progressivamente para 20 dias em 2029

Matheus Almeida

O presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), sancionou na semana passada o aumento da licença-paternidade no Brasil. O texto da Lei Complementar nº 229 determina que o número de dias de dispensa do serviço para homens com filhos recém-nascidos aumentará progressivamente a partir de 2027 até chegar a 20 dias em 2029.

No momento, a licença-paternidade é de apenas cinco dias, número em curso desde a sanção da Constituição de 1988. O aumento ocorrerá a partir do dia 1º de janeiro de cada ano, da se-

guinte forma: 10 dias a partir do ano que vem, 15 em 2028 e 20 em 2029.

O texto sancionado estende o direito à licença para casos de adoção e guarda judicial. Também assegura extensão da dispensa em um terço nos casos de filho com deficiência e prorrogação se houver internação decorrente do parto. “Pode haver também direito a equiparação à licença maternidade (tanto em termos de duração, quanto em termos de garantia de emprego), em caso de ausência materna”, explica a advogada Leila Pigozzi Alves, sócia da área trabalhista do DDSA Advogados.

A Lei Complementar nº 229 também modifica o modelo de financiamento da licença-paternidade. Atualmente, a empresa ou o órgão público fica responsável por arcar com o pagamento dos dias de liberação remunerada.

A partir de 2027, quando se inicia o aumento gradual, a Previdência Social passará a bancar o benefício. A companhia empregadora deverá pagar o valor ao funcionário e compensar com os valores de contribuições sobre a folha devida ao INSS. “Isso desloca o custo do benefício para o sistema previdenciário, reduzindo o impacto financeiro direto sobre o empregador”, analisa o advogado trabalhista Gustavo Fonseca Monteiro, sócio na Tahech Advogados.

O aumento progressivo dos dias de licença-paternidade ao longo de três anos foi estabelecido justamente para reduzir o impacto fiscal.

Proteção do emprego

Assim como já ocorre com a trabalhadora grávida, a lei protege os pais contra demissão sem justa causa, proibindo a rescisão do contrato de forma arbitrária durante a licença ou até um mês depois de seu término.

O trabalhador afastado ficará impedido de exercer qualquer atividade remunerada durante o período da licença e deverá participar dos cuidados e da convivência com a criança ou o adolescente.

O período de dispensa poderá ser dividido em dois. Ao menos 50% do total precisa ocorrer imediatamente após o nascimento ou a obtenção da guarda. O restante pode começar a ser cumprido em até 180 dias.

Incentivo à igualdade

Para Leila, a lei é positiva para as crianças e também para as mulheres. “É mais difícil vencer barreiras de igualdade salarial e de igualdade no acesso ao emprego e progressão na carreira com períodos de licença e garantias tão díspares entre a maternidade e a paternidade. Portanto, a nova licença paternidade pode ser um incentivo à igualdade de gênero no ambiente de trabalho”, analisa.

Para coibir agressões às mulheres, a lei determina ainda perda de todos esses direitos criados em casos de violência doméstica ou abandono. **E**

Extensão da licença-paternidade começará em 1º de janeiro de 2027, com dez dias de dispensa

ALVARO GONZALEZ

Voo largo

Maior operadora aeroportuária do mundo, espanhola Aena arremata concessão do Galeão e aumenta lista de passageiros que embarcam e desembarcam por dezenas de aeroportos sob seu controle

Ana Carolina Nunes

Por R\$ 2,9 bilhões, a espanhola Aena (Aeropuertos Españoles y Navegación Aérea) levou o leilão de concessão do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, o Galeão, o terceiro mais movimentado do Brasil em volume de passageiros, com 17,8 milhões em 2025, e marcou de vez sua presença no país.

A concessão do terminal carioca, negociada no dia 7, está prevista para iniciar no segundo semestre deste ano. O Galeão, que também está na terceira posição na movimentação de cargas no Brasil, com 68 mil toneladas entre importações e exportações registradas ano passado, reforça o portfólio da

companhia por aqui, que chega a 18 aeroportos no país. Com isso, a Aena se consolida como a maior rede de aeroportos concedidos no território brasileiro, tendo sob sua gestão 45,6 milhões de embarques e desembarques, 62 milhões de passageiros e 20% do tráfego aéreo nacional.

A espanhola detém o posto de maior operadora aeroportuária do mundo em número de passageiros, perto de 385 milhões ao todo registrados no ano passado. Eles passaram pelos mais de 80 aeroportos, e dois heliportos, sob sua gestão.

A atuação no Brasil teve início em 2020, após arrematar um lote para as-

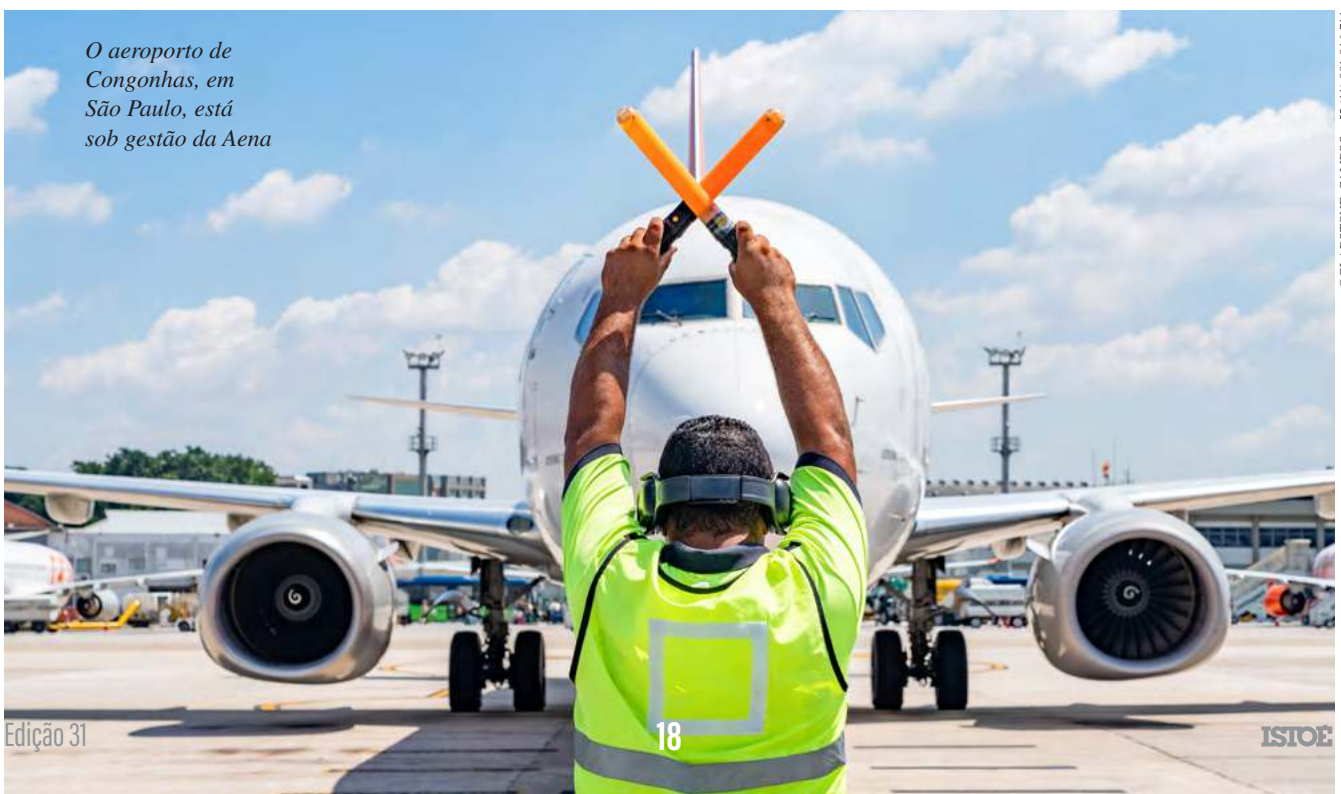
sumir seis aeroportos na região Nordeste. Sob sua gestão está ainda o aeroporto de Congonhas, em São Paulo, principal ativo da empresa no país, com movimentação de 24,5 milhões de passageiros em 2025, e de mais de 100 mil pessoas circulando diariamente.

O terminal, que festejou os 90 anos do aeroporto nesta quinta-feira, 9, concentra o principal polo de ponte-aérea, sendo, ao todo, perto de 600 pousos e decolagens por dia. No dia 31 de março, ele se tornou também o primeiro aeroporto do país a contar com uma estação de metrô fisicamente integrada, com a inauguração da linha 17-Ouro, uma obra que custou R\$ 5,97 bilhões, pagos pelo governo estadual.

O plano de investimentos da Aena em Congonhas soma R\$ 2,6 bilhões, direcionados a um novo terminal, que vai ampliar a capacidade comercial do porto. Quando as obras encerrarem em 2028, terá dobrado sua Área Bruta Locável (ABL) de 10 mil m² para mais de 20 mil m².

A empresa diz em seu site que abrirá o processo de concorrência “nas próximas semanas”. Segundo a Aena, Congonhas possui o metro quadrado com maior volume em vendas do país entre aeroportos domésticos e centros comerciais.

O aeroporto de Congonhas, em São Paulo, está sob gestão da Aena



O montante direcionado à Congonhas faz parte de um total de R\$ 9,2 bilhões em investimentos anunciados em parceria com o governo federal para melhoria de aeroportos, em especial, os de um bloco formado por 11 deles em quatro estados (SP, MG, PA e MS), arrematado em um leilão promovido pela Agência Nacional de Aviação Civil - Anac em 2022, e operados pela Aena desde 2023.

No total, o bloco dos 11 receberá R\$ 5,7 bilhões. Desses, R\$ 4,7 bilhões serão financiados pelo BNDES e R\$ 1

bilhão será investido pelo Grupo Santander. Outros R\$ 3,1 bilhões serão aportados ao longo do prazo da concessão e irão para o bloco do seis do Nordeste. A expectativa é que as obras também adicionem mais de três mil empregos no mercado.

O balanço da Aena referente a 2025, divulgado em fevereiro, registra desempenho financeiro recorde, o que levou as suas ações a saltarem 16,5%. O lucro líquido reportado pelo grupo foi de 2,4 bilhões de euros, crescimento de 10,5% na comparação anual **E**

A Aena nos aeroportos brasileiros...

NORDESTE	SUDESTE	CENTRO-OESTE	NORTE
Recife (PE)	Congonhas (SP)	Campo Grande (MS)	Santarém (PA)
Maceió (AL)	Galeão (RJ)	Corumbá (MS)	Marabá (PA)
Aracaju (SE)	Uberlândia (MG)	Ponta Porã (MS)	Carajás (PA)
João Pessoa (PB)	Montes Claros (MG)	—	Altamira (PA)
Juazeiro do Norte (CE)	Uberaba (MG).	—	—
Campina Grande (PB)	—	—	—

...e no mundo

46
aeroportos
e dois heliportos
na Espanha

51%
na nova holding que controla
e opera 100% do aeroporto de
Leeds Bradford (Inglaterra)

12
aeroportos
no México

51%
do aeroporto de
Luton, em Londres

49%
do aeroporto de Newcastle
(Inglaterra)

2
aeroportos
na Jamaica

Suspeita de incêndio em Congonhas

A quinta-feira, 9, era para ser de festa no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Isso porque foi programado um evento para a celebração antecipada de 90 anos do complexo, que se completam no domingo, 12. O festejo contou com o anúncio de R\$ 2 bilhões em financiamento do BNDES para a concessionária Aena, que administra o aeroporto. Os recursos garantem a ampliação e modernização de um dos principais hubs do país. Até junho de 2028, está prevista a entrega de um novo terminal, dobrando a área de passageiros de 45 mil m² para 105 mil m². O projeto também inclui 19 novas pontes de embarque (fingers), ampliação do espaço comercial e maior pátio de manobras, prometendo mais eficiência aos mais de 24 milhões de usuários anuais.

O evento foi ofuscado por uma paralisação operacional na mesma manhã. Ela afetou as decolagens não apenas em Congonhas, mas também nos aeroportos de Guarulhos e Viracopos. Embora o caso tenha sido inicialmente tratado como uma pane de sistema, o presidente da Agência Nacional de Aviação Civil (Anac), Tiago Faierstein, negou falhas tecnológicas e afirmou que as operações foram suspensas por extrema precaução.

O prédio do Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea), gerido pela Força Aérea Brasileira (FAB) e localizado próximo a Congonhas, precisou ser totalmente evacuado após o aparecimento de fumaça no local. O ministro de Portos e Aeroportos, Tomé Franca, mencionou também a suspeita de um vazamento de gás na instalação militar.

Segundo a FAB, a interrupção técnica e operacional durou 36 minutos (das 9h30 às 10h06) até a liberação do prédio, mas o efeito cascata suspendeu voos por mais de uma hora. As causas exatas da fumaça seguem em apuração.



Enviado da ONU inspeciona danos em universidade em Teerã, atacada no dia 2

A guerra continua

Após uma sucessão de ameaças, incluindo a de genocídio, Trump volta atrás e acerta um cessar-fogo de duas semanas, mas o Oriente Médio segue em convulsão com ataques de Israel contra o Líbano e o Golfo Pérsico sob a mira de mísseis e bombas do Irã

Uma ameaça publicada na rede social Truth Social chocou o mundo nesta semana e assombrou o direito internacional diante de uma declaração genocida vinda do presidente dos Estados Unidos Donald Trump. Na terça-feira, 7, ele escreveu: “Toda uma civilização morrerá esta noite, para nunca mais retornar. Não quero que isso aconteça, mas provavelmente acontecerá”. Mesmo para a retórica de Trump, conhecida pelas bravatas, a frase ultrapassou todos os limites do aceitável, gerou incomôdo inclusive entre seus aliados e alimentou a possibilidade de a ele ser impunito crime de guerra.

Depois disso, nova reviravolta no conflito. No dia seguinte, Trump e Irã anunciaram ter fechado um acordo de cessar-fogo de duas semanas, mediado pelo Paquistão e com dez pontos apresentados para a negociação, entre eles a abertura dos Estados Unidos para discutir o fim das sanções aplicadas sobre o país. Não está claro o que foi definitivamente acertado. Cada lado defende uma narrativa e trata de puxar para si um discurso de vitória pela trégua negociada, o que gera a impressão de que o entendimento é muito frágil. Ainda mais porque, no mesmo dia des-

se anúncio, Israel atacou o Líbano de forma massiva, sob o argumento de mirar o grupo Hezbollah, causando mais de 250 mortes e colocando sob risco o cessar-fogo.

O Irã ameaçou romper o acordo se os ataques persistirem e já avisou que voltará a fechar o Estreito de Ormuz, canal por onde trafega cerca de 20% do petróleo no mundo. Ele é um dos motivos da escalada de tensão na região nos últimos dias. Com a crise energética se ampliando, Ormuz se tornou uma questão nevrálgica para todo o planeta. A criminosa declaração de Trump sobre o extermínio da civilização iraniana veio nessa esteira. O presidente norte-americano vinha disparando ora comentários agressivos ora palavras carregadas de confiança, como se o conflito iniciado no dia 28 de fevereiro, em um ataque sobre o Irã coordenado por Estados Unidos e Israel, fosse terminar facilmente.

O fato é que a resistência iraniana surpreendeu e a crise se intensificou, colocando mais pressão sobre Trump, que já havia afirmado, no início de abril, que os Estados Unidos poderiam reduzir o Irã à “Idade da Pedra” e que as forças armadas do país iriam atingir todas as centrais de energia da repúbli-

ca islâmica, caso Teerã não reabrisse o Estreito de Ormuz. No domingo de Páscoa, 5, mais uma vez elevou o tom: em uma postagem repleta de palavrões, esbravejou que o Irã enfrentaria “um inferno”, repetindo que as centrais elétricas seriam destruídas. Na terça-feira, foi a vez de Trump afirmar que “toda uma civilização vai morrer” caso o regime iraniano não feche um acordo.

Diante da última ameaça, o porta-voz do secretário-geral da ONU, Stéphane Dujarric, classificou as declarações como alarmantes. “O secretário-geral [António Guterres] tem sido muito claro sobre as questões relativas ao direito internacional e insta, mais uma vez, todas as partes a cumprirem as suas obrigações relativamente à condução dessas hostilidades”, disse Dujarric. “Não existe um objetivo militar que justifique a destruição em larga escala das infraestruturas de uma sociedade ou a imposição deliberada de sofrimento às populações civis”, sublinhou.

As Convenções de Genebra, adotadas em 1949, após a Segunda Guerra Mundial, proíbem explicitamente a destruição de “objetos indispensáveis à sobrevivência da população civil”. Mesmo quando uma infraestrutura ci-

Uma das ameaças de Trump foi de exterminar “toda uma civilização”





População forma corrente humana em torno de usina em Tabriz, no noroeste do Irã

vil possa ser considerada um objetivo militar, o direito internacional veda ataques caso exista o risco de causar danos civis excessivos.

Em 2024, o Tribunal Penal Internacional (TPI) indiciou dois altos-membros do governo russo – o ex-ministro da Defesa russo Sergei Shoigue e o general Valery Gerasimov – por ataques sistemáticos à rede elétrica da Ucrânia. Na mesma linha, o governo da França recentemente classificou como “crimes de guerra” os ataques sistemáticos dos russos contra a rede ferroviária civil da Ucrânia. Por sinal, na mesma terça-feira da mensagem de teor genocida, Israel advertiu os iranianos a não viajarem de trem e pouco depois confirmou que fez bombardeios contra a infraestrutura ferroviária.

Ultimato e corrente humana

Na Páscoa, Trump fez o ultimato: em uma postagem ameaçou que a terça-feira seguinte seria o “Dia da Usina de Energia e o Dia da Ponte” no Irã, exigindo a reabertura de Ormuz e indicando quais seriam os alvos das forças armadas norte-americanas se não fosse firmado um acordo. Em resposta à promessa de destruição da infraestrutura energética e viária, o regime iraniano instou a população a formar correntes humanas em defesa do país.

Temendo cortes severos de eletricidade e o desabastecimento de água, os cidadãos, que já estão estocando mantimentos, encararam a destruição

das usinas como o cruzamento de uma linha que castigaria diretamente a população. Na lembrança, estava o ataque a uma ponte em Karaj no dia 2, que deixou 13 mortos e quase 100 feridos. Mesmo assim, cenas de correntes humanas foram vistas em torno de pontes e usinas.

Naquele dia, a fatídica terça-feira, Masoud Pezeshkian, o presidente do país, escreveu no X que mais de 14 milhões de iranianos já declararam “estar prontos para sacrificar suas vidas em defesa do Irã”.



Masoud Pezeshkian, presidente do Irã: sacrifícios em defesa do país

A trégua

O acordo do cessar-fogo foi construído com a ajuda do primeiro-ministro do Paquistão, Shehbaz Sharif, e seu marechal de campo, Asim Munir. Trump condicionou a trégua à aceitação, pela regime islâmico, da abertura completa, imediata e segura do Estreito de Ormuz. “Esse será um cessar-fogo de mão dupla”, disse o republicano em suas redes sociais. As conversas sobre os dez pontos do acordo estavam programadas para prosseguirem nesta sexta-feira, 10, em Islamabad, capital paquistanesa. O vice-presidente J.D. Vance iria conduzir as conversas pelo lado norte-americano.

Em resposta ao acordo, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Irã, Abbas Araqchi, informou por meio de nota oficial que o país iria interromper os ataques, desde que não sofresse novas ofensivas ou ameaças. Ele garantiu trânsito seguro pelo Estreito de Ormuz pelas duas semanas do cessar-fogo, em coordenação com as forças armadas iranianas e respeitando as restrições técnicas existentes no local. O problema, contudo, foi o ataque de Israel ao Líbano na quarta-feira, 8.

Entre os pontos que geram dúvidas sobre o que será acordado está o enriquecimento de urânio pelo Irã. Para os Estados Unidos, não há possibilidade

de isso ser negociado. Os iranianos afirmam que seu programa é voltado para fins civis e que não pretende interrompê-lo.

O professor de Relações Internacionais da FGV Oliver Stuenkel destacou, em suas redes sociais, cinco questões fundamentais para que um acordo de paz seja de fato construído. Uma delas se refere aos ataques de Israel sobre o Líbano. Para o regime iraniano e também para o Paquistão é preciso incluir o Líbano no acordo. O governo israelense não entende dessa forma.

O controle sobre o Estreito de Ormuz, claro, é outro ponto: o Irã quer manter influência sobre a rota e até propôs cobrar pedágios de navios. Dificilmente os Estados Unidos aceitarão esses termos.

O terceiro ponto é o programa nuclear iraniano. O quarto se refere aos mísseis iranianos. É pouco provável que o país aceite desmantelar seu arsenal diante da grande desconfiança entre as partes. Stuenkel pontuou que a quinta dúvida é se os Estados Unidos vão realmente suspender as sanções contra o Irã. No entanto, essa é uma exigência central de Teerã nas negociações.

Segundo ele, o cessar-fogo reduz o risco imediato de escalada do conflito, mas a paz ainda está longe. “O sucesso das negociações dependerá de concessões difíceis de ambos os lados”, afirmou.

MARWAN NAAMAN/DPA



Área atingida em Beirute em ataque israelense; foram mais de 100 alvos na cidade

Como Trump é imprevisível, na quinta-feira, 9, dia em que a guerra completou 40 dias, ele publicou mais uma mensagem provocativa em sua rede social. “Todos os navios, aeronaves e militares dos Estados Unidos, com munição adicional, armamentos e tudo mais que for apropriado e necessário para a condução letal e a destruição de um inimigo que já está substancial-

mente enfraquecido, permanecerão posicionados ao redor do Irã até que o acordo real seja plenamente alcançado e cumprido. Se por algum motivo não for — o que é altamente improvável — então, o ‘tiroteio começa’, maior, melhor e mais forte do que qualquer coisa já vista antes”. E completou: “O Estreito de Ormuz permanecerá aberto e seguro”. **E**

Destruição no Líbano em dez minutos

Israel lançou na quarta-feira, 8, a maior ofensiva militar contra o Hezbollah no Líbano desde o início da atual escalada no Oriente Médio, em 2 de março, elevando dramaticamente a tensão regional e colocando em risco o cessar-fogo negociado entre Estados Unidos e Irã. Em apenas dez minutos, cerca de 50 caças israelenses bombardearam mais de 100 alvos em Beirute, no Vale do Beqaa e no sul do país, lançando aproximadamente 160 bombas, de acordo com as Forças de Defesa de Israel (IDF).

O Ministério de Saúde libanês reportou mais de 300 mortos e mais de 1.100 feridos, número que pode crescer à medida que

equipes de resgate avançam entre os escombros. O Líbano decretou luto nacional. A magnitude da tragédia já supera a explosão no porto de Beirute, em 2020, uma das maiores não nucleares da história. Hospitais ficaram sobrecarregados diante da chegada simultânea de vítimas, em um cenário descrito por médicos e testemunhas como “caótico” e “apocalíptico”. A ONU condenou “de forma veemente” os ataques e mencionou a elevada perda de vidas civis.

Israel disse ter atingido “centros de comando e controle” do Hezbollah na operação “Escuridão Eterna”. O ministro da Defesa, Israel Katz, classificou a ação como

o golpe mais duro imposto ao grupo desde 2024. O primeiro-ministro do Líbano Nawaf Salam, no entanto, acusou Israel de atacar áreas residenciais densamente povoadas e matar civis desarmados, em violação ao direito internacional.

O presidente norte-americano Donald Trump minimizou o episódio, afirmando que o Líbano não faz parte do acordo com o Irã. O governo iraniano, porém, quer incluir o território libanês nas conversas.

Na quinta-feira, 9, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, afirmou que seu gabinete irá iniciar negociações de paz com o país. O presidente libanês Joseph Aoun confirmou as conversas.



As Uffizi, que têm algumas das obras de arte mais famosas da Itália, sofreu um cibertaque em fevereiro

REPRODUÇÃO/FACEBOOK

Museus na mira

Ciberataque às Galerias Uffizi, em Florença, desperta alerta e onda de boatos, como o roubo de senhas de segurança; a instituição diz que não houve danos, nem furtos

As Galerias Uffizi, complexo cultural que é um dos mais rentáveis da Itália com faturamento anual em torno de US\$ 69 milhões, foram alvo de um cibertaque no dia 1º de fevereiro. O fato foi tornado público na sexta-feira passada, 3, em uma reportagem que afirmou que a invasão teria comprometido a infraestrutura de segurança da instituição de tal forma que a direção precisou tomar medidas drásticas, como a transferência de joias valiosas para o Banco da Itália.

A notícia, veiculada pelo Corriere della Sera, causou burburinho. O jornal cravou que os hackers conseguiram acessar mapas internos, códigos de alarme e sistemas administrativos do complexo. Segundo a reportagem, os

invasores esvaziaram alguns dos servidores e enviaram um pedido de resgate para o telefone pessoal do diretor da Uffizi, Simone Verde.

Com o acervo composto por algumas das obras de arte mais famosas da Itália, como as pinturas renascentistas “Sagrada Família”, de Michelangelo, “Nascimento de Vênus” e “Primavera”, ambas de Botticelli, as galerias, um ícone de Florença, teriam ficado tão expostas, do ponto de vista da segurança, que os itens mais valiosos do Tesouro dos Grão-Duques, alojados no Palazzo Pitti, antiga residência da família Medici, foram despachados para o banco italiano como precaução. O palácio é conectado às Uffizi por um corredor elevado construído no século 16. Além

disso, portas e saídas de emergência da instituição teriam sido lacradas.

O caso repercutiu internacionalmente, sobretudo na Europa. Afinal, em outubro de 2025, o Museu do Louvre, em Paris, foi alvo de um roubo, praticado à luz do dia, em que foram levadas oito peças das joias da coroa francesa, avaliadas em cerca de US\$ 102 milhões — a maioria ainda desaparecida. Apenas uma, a coroa da imperatriz Eugénie, foi recuperada, porém isso porque ela foi encontrada nos arredores do museu, provavelmente por ter se desprendido durante a fuga.

E em março passado três pinturas dos mestres franceses Pierre-Auguste Renoir, Paul Cezanne e Henri Matisse foram roubadas do Museu Civico di Santa Caterina, em Treviso, no norte da Itália. O crime, ocorrido durante a madrugada, segue sob investigação, e as obras ainda não foram recuperadas.

A direção da Uffizi contestou com veemência a reportagem. O ataque hacker foi confirmado. Mas, em mensagem enviada para a IstoÉ, eles afirmam que não houve dano nem foi realizado nenhum furto. E nenhuma senha teria sido roubada. “Não há qualquer prova de que hackers estejam em posse de mapas de segurança”, diz o comunicado.

O texto ressalta ainda que não houve infiltração nos telefones dos funcionários. A direção acrescenta que foi necessário restaurar o backup, o que já foi concluído. Nenhuma informação foi perdida, asseguram.

“As câmeras estavam em processo de substituição há um ano. A situação não era de forma alguma como a do Louvre; havia câmeras nas galerias, mas eram analógicas e agora são digitais. A substituição foi realizada após sinalização da polícia em 2024 e, evidentemente, foi acelerada devido aos acontecimentos no Louvre, já antes (e depois) do ataque hacker”, informa a instituição.

Sobre o tesouro dos Médici, a explicação é a área está fechada porque foi iniciada a obra de reestruturação de todo o museu, cuja licitação foi lançada em setembro. “Portanto, as peças precisavam ser removidas de qualquer forma antes do início dos trabalhos. Os primeiros contatos entre os Uffizi e o Banco da Itália ocorreram no outono”. **E**

O mundo em resumo

As notícias que se destacaram no noticiário internacional durante a semana

Estados Unidos

Fundo propõe compra da Universal Music Group por US\$ 60 bilhões

Na terça-feira, 7, a Pershing Square, gestora de Bill Ackman, apresentou proposta não vinculante para adquirir a Universal Music Group (UMG), maior gravadora do mundo, por cerca de US\$ 60 bilhões. A oferta combina dinheiro e ações, com prêmio de 78% sobre o valor atual dos papéis. O plano prevê fusão com a Pershing Square Sparc e listagem em Nova York. A operação ainda depende de aprovação de acionistas como Vivendi e Tencent. A UMG, que reúne artistas como Taylor Swift, Lady Gaga e Bad Bunny, não comentou a proposta.

Venezuela

Economia do país cresce 8,6% puxada pelo petróleo

Na quarta-feira, 4, o Banco Central da Venezuela (BCV) informou que a economia do país cresceu 8,66% em 2025, impulsionada pelo setor petrolífero, mesmo sob sanções dos Estados Unidos, agora flexibilizadas. Após a captura do ex-presidente Nicolás Maduro em 3 de janeiro, o país reformou a Lei de Hidrocarbonetos e abriu espaço ao capital privado. O BCV destacou 19 trimestres seguidos de alta, mas analistas alertam para distorções em uma economia ainda cinco vezes menor que em 2013. Apesar da retomada, salários baixos e inflação seguem pressionando o custo de vida.

Argentina

Governo suspeita de rede de desinformação

Na sexta-feira, 3, o presidente Javier Milei afirmou que o governo irá "até as últimas consequências" para investigar uma suposta rede russa de desinformação que teria atuado na imprensa argentina. Segundo investigação baseada em documentos vazados, o grupo La Compañía pagou US\$ 283 mil entre junho e outubro de 2024 para publicar ao menos 250 conteúdos com críticas ao governo. A Secretaria de Inteligência do Estado apontou tentativa de influenciar a opinião pública. A embaixada russa negou as acusações e criticou o impacto nas relações bilaterais.



Coreia do Norte

Filha de Kim volta a chamar atenção

Na segunda-feira, 6, o Serviço Nacional de Inteligência (NIS) da Coreia do Sul afirmou que Kim Ju-ae, filha do líder Kim Jong-un, é considerada uma provável sucessora do regime. Os rumores já circulam há algum tempo. Segundo o diretor da agência, Lee Jong Seok, a avaliação se baseia em informações de inteligência e marca posição mais assertiva sobre a sucessão. A jovem tem acompanhado o pai em eventos oficiais e aparições militares, o que reforça sua projeção. Analistas destacam que o processo ainda é incerto.

Grécia

País vai proibir redes sociais para menores

Na quarta-feira, 8, o primeiro-ministro Kyriakos Mitsotakis anunciou que a Grécia proibirá o acesso às redes sociais para menores de 15 anos a partir de 1º de janeiro de 2027. A proposta ainda será votada no verão europeu. A medida segue iniciativas como a da Austrália, que já restringiu o uso para menores de 16 anos. Mitsotakis afirmou que a decisão busca proteger jovens de "algoritmos viciantes" e da pressão digital. Outros países europeus discutem regras semelhantes, enquanto a União Europeia avalia uma legislação comum.

Vietnã

Líder comunista assume presidência do país

Na terça-feira, 7, o Parlamento do Vietnã elegeu o secretário-geral do Partido Comunista, Tô Lâm, como novo presidente do país para o mandato 2026-2031. A decisão foi aprovada por unanimidade, segundo o chefe da Assembleia Nacional, Trần Thanh Mẫn, que havia sido reeleito na segunda-feira, 6. Com isso, Lâm passa a acumular os cargos de chefe de Estado e líder do partido, concentrando poder. Analistas apontam que o movimento segue modelo semelhante ao da China, onde Xi Jinping ocupa simultaneamente as duas funções.



Um dos data centers do Google fica em New Albany, na região central de Ohio

DIVULGAÇÃO

Um trilhão de litros

Com demanda comparável à da cidade de Nova York em um ano, uso de água por data centers nos Estados Unidos coloca big techs sob escrutínio de gestoras de ativos

O avanço acelerado da Inteligência Artificial (IA) está impondo um limite físico inesperado às big techs. Pressionadas por comunidades locais e um grupo crescente de investidores institucionais, Amazon, Microsoft e Google foram forçadas a interromper projetos multibilionários de data centers diante de preocupações com o consumo de água e energia.

Gestoras de ativos como a Trillium Asset Management, com mais de US\$ 4 bilhões sob gestão, com foco em investimentos sustentáveis e responsáveis (ESG), lideram uma ofensiva para exigir transparência sobre o uso de água e questionam como empresas como a Alphabet (dona do Google) planejam cumprir metas de descarbonização após registrarem um salto de 51% em suas emissões operacionais.

Os data centers norte-americanos utilizaram quase um trilhão de litros de água em 2025, de acordo com a empresa de pesquisa de mercado Mordor Intelligence, o que equivale aproxima-

damente às demandas anuais da cidade de Nova York.

Em 2020, a Alphabet se comprometeu a reduzir pela metade emissões de gases causadores de efeito estufa e a usar fontes de energia sem carbono até 2030. No entanto, a Trillium disse que, em vez disso, as emissões aumentaram 51%, deixando os investidores “no escuro” sobre como a empresa planeja cumprir as metas. Uma resolução semelhante da Trillium no ano passado obteve o apoio de quase um quarto dos acionistas independentes.

Na Green Century Capital Management, a defensora dos acionistas Giovanna Eichner disse que está em discussões com a Nvidia sobre a apresentação de uma resolução “para garantir que os ganhos de curto prazo da inteligência artificial não venham à custa de riscos climáticos e financeiros de longo prazo”.

A pedida das gestoras é por mais dados sobre a utilização de água pelas empresas. Embora companhias, Meta,

Google, Amazon e Microsoft tenham começado a adotar resfriamento de circuito fechado em seus data centers, o que exige muito menos água, os dados sobre esse uso variam.

O relatório ambiental de 2025 da Meta mostra utilização de água para os locais que a empresa possui, mas não para os que ela alugou ou que estavam em construção. O consumo total aumentou 51%, de 3.726 megalitros em 2020 para 5.637 megalitros em 2024, quantidade suficiente para abastecer mais de 13 mil residências por um ano.

O relatório ambiental de 2025 do Google apresenta dados sobre os data centers que possui e aluga, mas não sobre os operados por terceiros. Amazon e Microsoft informaram o uso total de água, mas nenhuma delas o dividiu por local em seus relatórios de sustentabilidade de 2025.

Um porta-voz da Microsoft disse que a sustentabilidade ambiental é “um valor fundamental” e que a empresa está “enfrentando proativamente os de-



A Microsoft construiu o data center de IA Fairwater; o consumo de água é modesto, segundo a big tech

DIVULGAÇÃO

safios da sustentabilidade e acelerando as soluções para um impacto de longo prazo”. A companhia montou uma estrutura gigante de datacenter de IA em Mountain Pleasant, no Wisconsin, no qual, segundo a corporação, é utilizada uma das maiores centrais de refrigeração do mundo, operando em um sistema de circuito fechado.

Foram investidos US\$ 3,3 bilhões no projeto e devem ser aplicados mais US\$ 4 bilhões nos próximos três anos para a construção de um segundo data center no local. De acordo com a Microsoft, o consumo anual de água é modesto: como de um restaurante típico.

Josh Weissman, diretor de fornecimento de capacidade de infraestrutura da Amazon, afirmou que a empresa está “divulgando cada vez mais dados de consumo de água específicos dos locais onde operamos”. Outro porta-voz da big tech acrescentou que a empresa está comprometida em ser uma “boa vizinha” e está investindo em esforços de eficiência, colocando nova energia online e reduzindo a utilização do recurso hídrico.

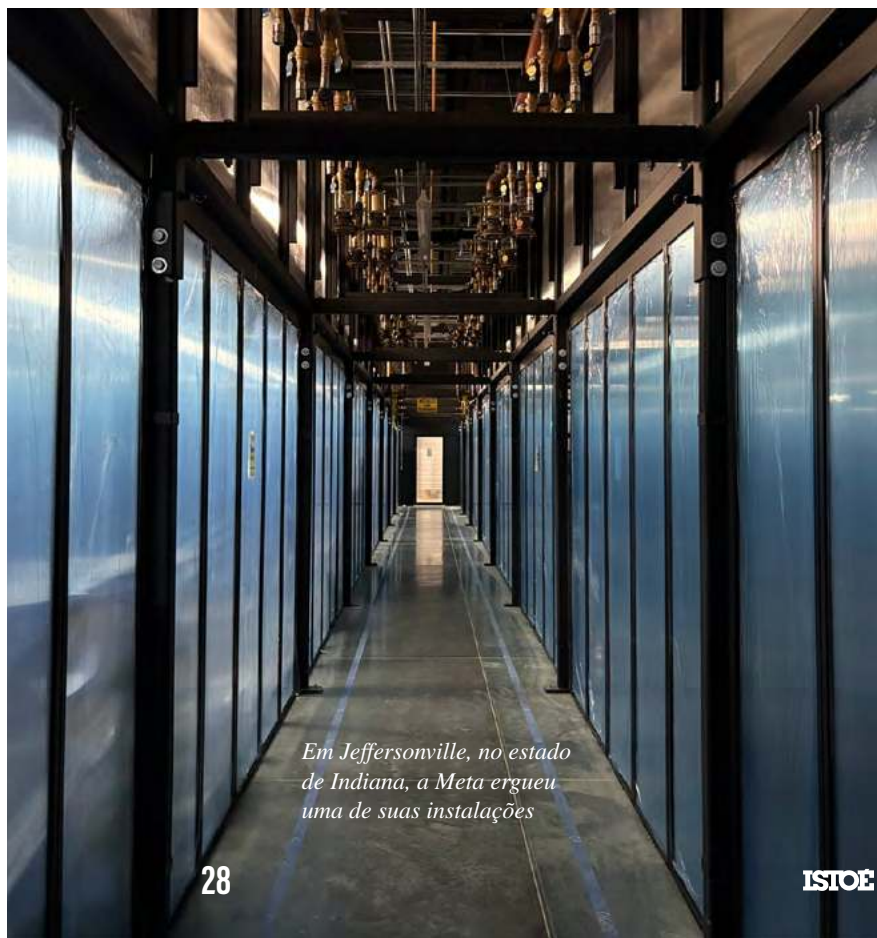
Os dados em nível local são cruciais, pois ajudam os investidores a avaliarem melhor os riscos operacionais e o desempenho da empresa em gerenciá-los, disseram investidores, acrescentando que também querem saber mais sobre os esforços para reabastecer os suprimentos de água.

“Não os vimos divulgando o suficiente sobre consumo de água e o im-

pacto na comunidade local”, declarou Jason Qi, analista líder de tecnologia da Calvert Research and Management.

Dan Diorio, vice-presidente da Data Center Coalition, um grupo de lobby cujos membros incluem as quatro grandes empresas de tecnologia, afirmou que melhorar o envolvimento

da comunidade se tornou uma das principais prioridades desde o ano passado. “É fundamental que sejamos francos com eles em relação ao uso de energia e água, para que os moradores possam entender que esse projeto não vai estressar seus recursos e vai protegê-los”, defendeu. **E**



REPRODUÇÃO/FACEBOOK

Em Jeffersonville, no estado de Indiana, a Meta ergueu uma de suas instalações

A lua brilhou

*Foto tirada pela
missão Artemis II
que contrapõe
a lua e a Terra*

Artemis II desbrava lado oculto do satélite e traz imagens inéditas que encantaram o mundo, entre elas a visão da Terra e um eclipse testemunhado do espaço

Para a humanidade, o lado oculto da lua sempre representou um mistério profundo – e o álbum “The Dark Side of the Moon” (1973), do Pink Floyd, é reflexo disso, apropriando-se do fascínio para tratar de outros “desconhecimentos”. Contudo, a partir da missão Artemis II essa narrativa muda significativamente. O ambicioso programa da Nasa focado na retomada das viagens espaciais tripuladas, que decolou no dia 1º de abril, presenteou a Terra nesta semana com uma perspectiva inédita e arrebatadora. A expedição superou o antigo recorde de distância que pertencia à Apollo 13, levando a cápsula Orion e seus quatro tripulantes mais longe no espaço profundo do que qualquer ser humano jamais havia chegado.

O grande impacto dessa conquista materializou-se visualmente na terça-feira, 7, quando a agência espacial di-

vulgou fotos históricas que impressionaram o mundo. As imagens inéditas revelaram o planeta azul surgindo solitário, tendo como primeiro plano a face oculta do satélite lunar. Como a Nasa fez questão de destacar em suas publicações oficiais, as fotos representam a “totalidade, além da Terra. A partir da órbita lunar” e ressaltam a visão da “humanidade, vista do outro lado”. Assim, o isolamento espacial ganhou contornos e perspectivas visuais sem precedentes.

O sucesso dessa parte da operação dependeu de uma manobra de altíssima precisão. Durante um sobrevoo lunar que durou cerca de seis horas na segunda-feira, 6, a tripulação passou aproximadamente 40 minutos navegando diretamente sobre a face oculta da lua. Essa etapa da viagem impôs um desafio técnico: a perda temporária de comunicação com a base. “Nos veremos do outro lado”, disse o piloto

Victor Glover, instantes antes de o sinal ser cortado e a Orion entrar na sombra do satélite.

O alívio no Centro de Controle da Missão, no Texas (EUA), foi imenso quando, após os computadores realizarem manobras automáticas no escuro, os monitores voltaram a receber dados. “Houston, Integrity, teste de comunicação. É tão bom ouvir a Terra novamente”, declarou Christina Koch, a única mulher da tripulação, ao quebrar o silêncio absoluto. Christina atua no monitoramento de sistemas da Orion, como especialista da missão, junto com Jeremy Hansen (o único astronauta que não é da Nasa, e sim da Agência Espacial Canadense). Reid Wiseman, o comandante, completa o time.

Com a comunicação restabelecida, a tripulação cumpriu um pequeno ritual: viraram seus emblemas de missão, que possuem dupla face, para mostrar

Imagem que viralizou teve saturação alterada para ressaltar composição mineral do satélite

Satélite colorido

Na terça-feira, 7, muitas pessoas passaram a compartilhar uma imagem da lua em que ela aparece colorida, com tons de verde, rosa e azul. A foto viralizou como se a Artemis II tivesse capturado aquela cena. O fato, porém, é que as imagens não foram divulgadas pela Nasa.

O objeto de admiração tem a assinatura do fotógrafo ucraniano Ildar Ibatullin. As imagens foram feitas em agosto de 2025. De acordo com postagem do profissional no Instagram, ele "aumentou intencionalmente a saturação da lua para revelar a composição mineral de sua superfície" usando o photoshop.

Em relação às cores, Ildar disse que os "tons de azul indicam regiões de basalto com alto teor de titânio, enquanto o laranja e o vermelho indicam a presença de óxido de ferro". A Nasa ressaltou que a técnica fotográfica serve para mostrar aspectos minerais da superfície lunar. "O processamento em falsa-cor utilizado para criar esta imagem lunar é útil para interpretar a composição do solo superficial", explicou a agência espacial.

a Terra surgindo ao fundo, sinalizando que a prioridade a partir dali era a volta para casa.

Durante a delicada janela de isolamento, a equipe não apenas documentou minuciosamente as características geológicas da Lua, mas também presenciou um espetáculo grandioso. Os astronautas testemunharam e registraram um eclipse solar diretamente do espaço, observando o instante exato em que a lua encobre totalmente o Sol, oferecendo assim uma perspectiva incrivelmente rara do satélite. O momento durou quase 54 minutos.

O retorno

Após o espetáculo de imagens e de manobras complexas, a Artemis II iniciou sua fase final. No trajeto de volta, a cápsula Orion utiliza a gravidade para impulsionar a nave, poupando a necessidade de grandes queimas de

motor. A tripulação esteve focada em testes operacionais e na avaliação dos sistemas de controle térmico para preparar a reentrada.

O desfecho da jornada está previsto para a noite desta sexta-feira, 10. A reentrada na atmosfera terrestre promete capturar atenção total da população na Terra. O módulo de serviço será separado e destruído, enquanto a cápsula tripulada retornará a cerca de 40 mil km/h. O atrito fará o escudo térmico aquecer a aproximadamente 1.650°C.

Por fim, os paraquedas serão acionados para garantir uma amerissagem (sim, esse é o termo) segura no oceano Pacífico, na costa da Califórnia, onde a marinha norte-americana recuperará a cápsula. Este é o fim ansiado para um capítulo histórico das viagens espaciais, em que a lua brilhou para a humanidade de um jeito totalmente novo. **E**

Os astronautas documentaram características geológicas da lua





Anitta lança “Equilibrvm”
no dia 16; o trabalho tem
participações de nomes como
Luedji Luna e Rincon Sapiência

DIVULGAÇÃO

O momento de Anitta

Às vésperas de lançar seu oitavo álbum, a cantora aposta no cenário internacional: faz parceria com Shakira e garante presença no programa “Saturday Night Live”

Anitta, 33 anos, é hoje uma das artistas brasileiras com maior destaque na música pop internacional. Com novo álbum estreando no dia 16, seu nome deverá, mais uma vez, reverberar nas plataformas de streaming, atraindo os fãs daqui e de fora do país. “Equilibrvm”, seu oitavo trabalho de estúdio, já chega com a parceria da Shakira. A brasileira e a colombiana cantam juntas “Choka Choka”, faixa lançada como single na noite da quinta-feira, 9.

“É uma música potente, dançante e poderosa, que eu amo. Ter a Shakira cantando comigo torna tudo ainda mais icônico e especial”, afirmou Anitta, em

comunicado. A artista, que descreveu as sonoridades e temas do projeto como inéditos em sua carreira, confirmou participações especiais de nomes como Luedji Luna, Rincon Sapiência e King Saints na tracklist.

Shakira foi as redes celebrar o encontro. Nos Stories, a cantora escreveu: “Anitta, meu Deus, estou tão empolgada. Gente, vocês não sabem o que vem”. A artista colombiana se apresentará na praia de Copacabana em maio e os fãs das duas artistas começaram a especular que a brasileira poderá subir ao palco no Rio.

O sucesso de Anitta hoje é global, algo quase inimaginável no início de

sua trajetória. Nascida e criada em Honório Gurgel, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, Larissa de Macedo Machado adotou o nome artístico inspirada pela minissérie “Presença de Anita”, exibida pela TV Globo, em 2021.

Desde que ganhou projeção nacional em 2013 com o hit “Show das Poderosas” (do álbum “Anitta”), a cantora construiu um plano de expansão raro entre artistas brasileiros: conquistar o próprio país como laboratório e, depois, escalar para o mercado internacional com estratégia. Em 2022, alcançou o topo do Spotify Global com “Envolver” (do álbum “Versions of Me”), tornando-se a primeira brasileira a ocupar o 1º lugar mundial na plataforma.

Com o álbum “Funk Generation”, de 2024, Anitta obteve sucesso significativo, destacando-se por ser uma celebração internacional do funk brasileiro, ultrapassando 600 milhões de reproduções no Spotify. O trabalho rendeu indicação de Melhor Álbum Pop Latino no Grammy Awards 2025 e foi aclamado pela crítica, sendo eleito um dos melhores discos latinos do ano pela Billboard.

Com feitos históricos acumulados ao longo da última década, a artista se tornou presença constante em premiações de prestígio — do Grammy Latino ao VMA — e marcou lugar nos eventos mais disputados da moda, como o Met Gala. De lá até agora, foram muitas as parcerias com artistas nacionais e internacionais. Destacam-se colaborações com Madonna, Cardi B, J Balvin, Maluma, The Weeknd, Snoop Dogg, e Black Eyed Peas, e no Brasil, com Marília Mendonça, Luísa Sonza e Caetano Veloso.

Em 2025, a cantora lançou “Ensaio de Anitta”, que contou com estrelas como Marina Sena, Pablo Vittar, Pocah e Ivete Sangalo.

Polêmica

No domingo de Páscoa, 5, durante sua participação no “Domingão com Huck”, na TV Globo, Anitta apresentou a música “Meia Noite”, que também faz parte de “Equilibrvm”, e gerou polêmica por ter referências ao candomblé, religião seguida pela cantora.

A artista foi criticada por exibir, na apresentação, elementos visuais e sim-



Shakira e Anitta cantam “Choka Choka”, faixa que integra o novo álbum e que chegou primeiro ao streaming como single

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

bólicos do candomblé em rede nacional na Páscoa, feriado cristão. Por outro lado, fãs apontaram as críticas como um exemplo de racismo religioso e exaltaram a coragem em dar visibilidade a religiões de matriz africana.

A “ousadia” de Anitta não é uma novidade, já que muitos artistas, ao longo das décadas, expressaram, por meio da música, respeito aos mais diversos aspectos da cultura africana, sobretudo no samba. Clara Nunes, Daniela Mercury, Gal Costa e Zeca Pagodinho são alguns dos muitos exemplos de cantores brasileiros cujas obras atravessam gerações exaltando a fé e os rituais de terreiro.

A cantora maranhense Rita Beneditto, criadora do projeto “Tecnomacumba”, que existe há mais de 20 anos, ao usar as redes sociais para se pronunciar sobre a polêmica, destacou a importância de artistas como Anitta levarem as referências religiosas para o pop internacional, e citou a dificuldade

do brasileiro em assumir sua identidade cultural.

“Desde o começo, o ‘Tecnomacumba’ já era um posicionamento, já era uma forma, mesmo, de enfrentamento ao preconceito, a toda uma questão que o brasileiro tem de não se assumir, não assumir a sua própria identidade cultural. A gente tem essa dificuldade de assumir a nossa identidade cultural, de reconhecer que a nossa ancestralidade, que os saberes das religiões de matriz africana são fundamentais para a formação do nosso povo, para a afirmação da nossa identidade cultural”, declarou em vídeo publicado em seu perfil no Instagram.

“‘Tecnomacumba’ carrega um nome e um universo que o Brasil aprendeu historicamente a marginalizar. E, às vezes, não era nem a música que afastava, mas o preconceito contra aquilo que ela representa. A música nasce desses lugares, dos terreiros, dos atabaques, é da relação com o sa-

grado, e isso não é tendência, isso é origem”, enfatizou.

A artista destacou, ainda, que o uso de referências das religiões africanas em expressões culturais é algo que muitos cantores realizaram ao longo de suas carreiras e, mesmo assim, nos dias de hoje, enfrentam resistência.

“Quando vejo artistas como Anitta levando essas referências para o pop internacional, eu reconheço a importância disso. É potente ver esses símbolos ganhando o mundo, ocupando espaço onde antes não conseguíamos chegar. Mas, é importante também dizer que o movimento não começou agora, ele vem sendo construído há muitos anos, por diferentes artistas, em diferentes lugares, cada um à sua maneira, abrindo espaço, sustentando o axé com muita força”, completou.

Presença no SNL

Multilíngue, Anitta transita por diferentes públicos, e suas parcerias internacionais funcionaram como movimentos para fortalecimento de sua marca. O impacto é semelhante ao de alianças corporativas, consolidando presença em novos territórios e públicos. Ela é capaz de se adaptar ao cenário global com o cuidado de não perder sua identidade.

Met Gala, VMA ou Billboard Awards, cada aparição vai além do glamour. É tratada como uma campanha em si. Agora, a cantora é esperada como atração musical do renomado programa norte-americano “Saturday Night Live” (SNL), no domingo, 11.

Essa será a estreia da estrela pop brasileira no programa da NBC, que terá o ator Colman Domingo (conhecido por “Euphoria” e “Rustin”) como anfitrião do episódio. A participação reforça a expansão de Anitta no mercado internacional, em uma atração que já recebeu nomes como Lady Gaga, Taylor Swift e Billie Eilish.

A participação deve contar com a apresentação do novo single “Pinterest”, outra faixa de “Equilíbrio”. No Brasil, o programa será exibido na plataforma de streaming Universal+ às 0h30 (horário de Brasília) da madrugada do domingo para a segunda-feira, 12. Já a versão legendada deve ser publicada uma semana depois. **E**

De peito aberto

Rodrigo Lombardi analisa a carreira, diz ter mais disciplina do que talento e comenta a sensação de intimidade que as redes geraram entre público e famosos

Marília Barbosa

A seis meses de completar 50 anos, o ator Rodrigo Lombardi está em busca de pessoas que queiram trabalhar com ele, como diz. Após consolidar sua trajetória no horário nobre da TV com protagonistas em produções como “Caminho das Índias” (2009) e “Verdades Secretas” (2015), ele vive um ritmo pautado na escolha de projetos. Entre seus trabalhos recentes, destacam-se o papel de vilão na novela “Mania de Você” (2025), uma participação especial em “Três Graças” como o personagem Comendador, e o papel de um presidente de clube de futebol na série “Jogada de Risco”, da Globoplay, prevista para julho. Nesta entrevista, Lombardi comenta seu distanciamento das redes sociais e os impactos da fama, positivos e negativos. O ator também lembra seu início profissional, na dublagem (para quem não sabe, ele faz a voz da raposa Nick, personagem de “Zootopia” e “Zootopia 2”, que chegou em março ao Disney+), e discorre sobre a carreira e o ofício, atribuindo os resultados que alcançou, na tela e nos palcos, não a um dom inato, mas à disciplina com a qual mergulha nos projetos.

Conte um pouco do seu lado dublador.

A dublagem é uma paixão da minha vida. Uma das primeiras portas que se abriram para mim. Tinha estúdio que permitia que

you, sendo ator, pudesse assistir. Eu ia. Não tinha curso. A gente aprendia fazendo. Aprende timing, composição, gênero, com obras de vários países. Não vê só filmes norte-americanos e blockbusters. Vê novela mexicana, filme turco, toda a sorte de produções. Fiquei ali observando uns dois anos até um diretor de dublagem ficar com pena: “Vai, garoto, vê se você consegue fazer essa fala”. É assim que você começa. O dublador é um ator. Ele quer

Lombardi: dubladores querem ser reconhecidos

ser reconhecido. Não é por vaidade. É por competência. Dubladores são atores extremamente inteligentes. Nos dias de hoje, em que o tempo vale ouro para uma produção, você ter atores rápidos, eficazes, intuitivos pode ser uma joia preciosa. Temos excelentes dubladores: Élcio Romar, Maria Helena Pader, e tem muita gente surgindo. Um da nova geração é o Gustavo Pereira.

Em que momento sentiu que era hora de ser ator?

Cresci vendo TV e a minha formação profissional é baseada muito na troca que eu tive com esse aparelho. Se eu fechar o olho, consigo sentir o momento em que eu estava assistindo a um filme, que mudou a minha vida. Foram vários. Eles estão muito presentes em todos os meus trabalhos. “O Marido da Cabeleireira” [filme francês de 1990] assisti no Cine Augusta numa quarta à tarde com o meu pai. “O Velho e o Mar” [de 1958, com Spencer Tracy] assisti no meu quarto no Corujão. Foi o primeiro filme que assisti de cabo a rabo sozinho, sem alguém ter colocado. Eu me encantei com aquele homem. Aquela obra [o livro “O Velho e o Mar”, de Ernest Hemingway] é uma das mais importantes da literatura mundial. Entre as pesquisas que faço, a minha primeira obra a ser trabalhada será “O Velho e o Mar”. Minha mãe sempre leu muito. Meu pai tinha coleções de livros, mas só para colocar na prateleira. Ele era cinéfilo. Eu tinha aqueles dois universos na minha casa. Um dia eu estava lendo um desses livros e levei para a casa de uns amigos dos meus pais – eu não podia ficar sozinho em casa. E fiquei lendo. O amigo do meu pai perguntou “Você está gostando desse livro?”. E eu assim: “Ahah”. Ele falou: “Já pensou em trabalhar com isso? Já pensou em ser ator?” E ele: “O que você está lendo é um Dostoiévski, ‘Humilhados e Ofendidos’. Por que você está gostando?”. Eu respondi: “Não sei”. Eu não tinha aquele vocabulário da época, mas aquela narrativa... de repente, eu me vi mergulhado.



LEONARDO MONTEIRO

Como lida com as redes sociais?

Tomo muito cuidado. Tento ser o mais low profile possível. Outro dia meu nome estava em uma questão que nem lembro direito [qual era]: “Ah, você falou no Twitter”. Juro que nunca abri um Twitter. Mas tinha um fake [um perfil inventado] que deu opinião sobre certa pessoa. Opiniões começaram a divergir e eu virei o centro disso tudo sem ter dado uma palavra. Hoje, o público quer estar mais próximo do ídolo. O ídolo sempre quis estar mais próximo do seu público. Mais próximo não é grudado. Existe uma linha que precisa ser respeitada por dois motivos. Primeiro, porque a gente precisa do nosso espaço. Segundo, porque a gente quer continuar do jeito que é para você [o público]. Se você ultrapassar essa linha, vai perceber que eu não sou o que você imagina. Essa onda [de ultrapassar limites] cresce de maneira exponencial. Necessidades já são cobradas e as respostas têm de ser imediatas. A gente tem de equilibrar pratinhos para responder e tomar cuidado para nada cair na cabeça. Então, se não tomar cuidado, você vira vítima. E a onda vai te engolir em vez de você surfá-la. Para surfar, você precisa de um distanciamento para coordenar o que está acontecendo. O distanciamento é a linha tênue que separa o artista de seu público.

Já passaram do limite com você?

Não no grau de me perseguirem. Mas no de descobrirem número do

telefone, de falarem com minha família e amigos. De começarem a gerar uma conversa mais íntima com essas pessoas. “Rodrigo, era sua amiga”. Aconteceu mais de uma vez, inclusive. Já fui abordado de maneiras muito equivocadas. Já chegou ao ponto de quase ser agredido na fila do táxi no aeroporto. Eu escuto: “Ô árabe, ô árabe”. Pensei que não era comigo. De repente, [alguém] me pega no braço, me puxa e fala assim: “Você não escudou falar com você?”. Respondi: “Desculpa, não”. “Você não era o árabe da novela?” Eu disse: “Indiano”. Ele, um homem de terno, falou: “Foda-se”. Eu perguntei: “Tá tudo bem?”. Ele estendeu a mão. “Eu não assisto novela. Tenho QI muito alto, mas a minha mulher te assiste. Tenho certeza de que, se ela tivesse aqui, ia querer te dar um abraço e um beijo. E eu não concordo com isso. Então vai tomar no seu...” E colocou o dedo assim [indica o rosto, perto dos olhos]. E eu vi o segurança [do aeroporto]: “Tá tudo bem aqui?”. Respondi que estava tudo bem. E ele [o homem de terno] falou: “Parabéns de novo.” E saiu. Tem fãs que idolatram pessoas inexplicavelmente. Tem uma projeção que ele faz durante a vida. Num momento único, em 10 segundos, ele percebe você [no local] e pensa que talvez nunca mais te veja. Isso pode provocar coisas lindas e também horríveis. Aquilo pode extrair do fã algo que ele não percebe.

Como foi a repercussão de “Verdades Secretas”?

Eu tinha acabado de fazer “Meu Pedacinho de Chão”. Eu amei

essa novela. Engordei 22 kg para fazer o personagem, que eu tinha pedido para fazer. Queria trabalhar com o Luiz Fernando Carvalho. Quando acabou a novela, o Maurinho me chamou e falou: “Você tem três meses para perder tudo isso”. Foram dois treinos por dia, dieta, médico e tudo. Era para ser um vilão. O Maurinho disse: “Você vem de uma série de heróis. Não tenha medo de ser odiado pelo público”. Aquilo ficou na minha cabeça a série inteira. E o resultado foi que muita gente torcia por aquele casal. É muito interessante ver como a gente atinge as pessoas. A gente pode ter um resultado dependendo do comprometimento diário. Não é sobre talento que estou falando. Porque talento eu nunca tive. É sobre o dia a dia, de você fazer a sua vocação. “Está chovendo, todo mundo almoçando, mas vou para o teatro. E vai porque é disciplina”. Quando comecei a fazer teatro, sabia que ia viver mal e porca-mente de teatro. Eu era essa pessoa, como sou até hoje: não tenho talento, mas tenho disciplina.

Por que acha que não é talentoso?

Talvez eu tenha um talento, o de estudar. Mas não sou o ator que eu queria ser. Falta um componente que a natureza não me deu. Sempre fui muito estudioso. Hoje, tenho até de tomar cuidado porque fico muito crítico e a crítica limita o ator.

A chegada dos 50 anos tem gerado dificuldades? E o etarismo?

Se essa dificuldade chegar na minha carreira, tenho a possibilidade de tentar me dar os meus empregos. É aí que minha baixa autoestima me trava algumas vezes. Tipo, quero arriscar um projeto e ela fala: “Não. Vai dar errado. As pessoas não querem trabalhar com você. As pessoas te ‘aceitam’, Rodrigo”. Acho que tudo isso é verdade. Estou saindo à procura de pessoas que querem trabalhar comigo e com quem eu gostaria de trabalhar. Pessoas às quais a vergonha não me deixava me apresentar. Eu achava que ia sair do radar delas e que eu não ia fazer diferença. Só que percebi depois que esse pensamento é equivocado. Tem pessoas que querem trabalhar comigo. **E**

LEONARDO MONTEIRO

Cerveja no sorvete

Sorveteria brasileira conquista 10º lugar na principal premiação mundial de gelato, em conquista inédita no país

A sorveteria Biju Mani, na zona oeste de São Paulo, conquistou o 10º lugar no Gelato Festival World Masters 2026, em Las Vegas (Estados Unidos), premiação considerada o “Oscar” dos sorvetes artesanais. É a primeira vez que o Brasil se posiciona entre os 10 primeiros colocados na competição.

O evento reuniu as 34 melhores gelaterias — produtoras de sorvete — do mundo, no fim de março. Os nomes foram selecionados após quatro anos de competições internacionais que envolveram mais de 3.500 participantes em centenas de disputas pelo mundo.

O sorveteiro Guilherme Geraldini inscreveu, para a competição, o sabor autoral “Appia”, de base cremosa amarela com cerveja artesanal Appia, da

marca Colorado, mel de abelha sem ferrão (uruçu nordestina), raspas de limão, macadâmia e caramelo salgado. A disputa contou com mais uma representante do Brasil, a Gelato Flor do In-gá, do Paraná.

“Em um mercado dominado por padrões internacionais, apostamos em ingredientes nacionais, sabores autorais e processos sustentáveis, mostrando que o Brasil é capaz de produzir sorvetes de excelência com identidade própria”, afirma Geraldini.

A final mundial do Gelato Festival World Masters é organizada pelo Gelato Festival em parceria com a Italian Trade Agency. O primeiro lugar ficou para a belga Gelateria Giotto, com “Il Bosco de Cento Acri”, um gelato com infusão de mel silvestre, brotos de pi-

nha, crumble de cogumelo porcini e calda de mel silvestre e limão.

Em segundo, ficou a espanhola La Cremeria Gelato Italiano, com “Sherry-misu”, gelato cremoso de tiramisú com vinho Jerez Amontillado. Completando o pódio, a holandesa Ijsie Prima, com “Seaside Delight”, gelato cremoso com variegato (mesclas que formam veios de sabor e textura) de espinheiro-marítimo, crocante de amêndoa e merengue de funcho do mar.

Biju Mani

Formado em gastronomia, Geraldini iniciou sua carreira em 2019, quando estagiou no Tuju, restaurante dono de duas Estrelas Michelin em São Paulo. Foi na equipe do chef Ivan Ralston que ele teve o primeiro contato com técnicas avançadas de produção de sorvete. A experiência despertou seu interesse pelo universo da sobremesa.

Em 2021, o gelatier criou a Biju Mani, com o objetivo de valorizar ingredientes nacionais e propor uma identidade própria para o sorvete artesanal brasileiro e executá-lo para além das técnicas de gelato europeu. “A gente quer mostrar para as pessoas que o sorvete pode sim ser de extrema qualidade, artesanal e com ingredientes brasileiros”, pontuou.

O cardápio é descrito como “um tributo à diversidade de sabores do país”. Entre os destaques estão o Havaiano (infusão de laranja-bahia, doce de abacaxi e crocante de chocolate branco caramelizado), o Brigadeiro de Gengibre, a Torta Paulista (creme de amendoim com crocante de castanha-do-pará) e a casquinha artesanal vegana de cumaru amazônico. Além dos sorvetes, a casa oferece sobremesas como brownie bean-to-bar, cookies e cinnamon roll, sempre com insumos de origem nacional. **E**

Geraldini: o Brasil tem capacidade de produzir sorvetes de excelência

Criação da Biju Mani, o gelato “Appia” é feito com a cerveja da Colorado, mel de abelha sem ferrão, raspas de limão, macadâmia e caramelo salgado



DIVULGAÇÃO

Permissão para dirigir

Precisa alugar um carro no exterior?
Saiba como tirar o documento
internacional que autoriza a condução

Lucca Mendonça



A PID (Permissão Internacional para Dirigir) é válida em mais de 100 países, como Portugal, França e Estados Unidos

A PID funciona como um complemento da carteira: ela só é válida se apresentada junto com o documento nacional. Ele é aceito em mais de 100 países signatários da Convenção, incluindo destinos populares como França, Portugal, Itália, Espanha, Estados Unidos, Argentina e Chile. Já países que não fazem parte do tratado, como Japão, China e Canadá, exigem a habilitação local ou a conversão da CNH após certo período de residência.

O processo para emitir a PID é simples e pode ser feito presencialmente ou pela internet, diretamente no site do Detran de cada estado. Em São Paulo, por exemplo, basta informar o número da CNH, confirmar os dados pessoais e pagar a taxa de emissão, atualmente em R\$ 102,11 com frete incluso. Outros estados cobram valores próximos, variando ligeiramente conforme o custo de envio.

Após o pagamento, o documento costuma ser emitido em até cinco dias úteis. O motorista pode optar por retirar a PID em uma unidade do Detran ou recebê-la no endereço cadastrado. A validade é de até três anos, ou até o vencimento da CNH, o que ocorrer primeiro.

Antes de viajar, é importante verificar se o país de destino aceita a PID ou se exige outro tipo de documento. Em nações do Mercosul, por exemplo, a CNH brasileira costuma ser suficiente, desde que dentro do prazo de validade. Já em locais fora do bloco, como Estados Unidos e nações europeias, a PID é frequentemente exigida para locação de veículos e em eventuais abordagens policiais.

Conheça as leis de trânsito locais

Outro cuidado essencial é conhecer as regras de trânsito locais. Limites de velocidade, leis de consumo de álcool e a mão de direção podem variar bastante. Também é bom se informar sobre eventuais restrições por idade, já que alguns países tem exigências específicas para estrangeiros ao volante.

Com a documentação em dia, o planejamento certo e respeito às leis locais, dirigir fora do Brasil pode ser uma maneira prática e prazerosa de explorar novos lugares. A PID garante reconhecimento internacional e evita dores de cabeça. **E**

Dirigir em outro país pode ser uma experiência única, seja em viagem de turismo ou para quem vai morar no exterior. No entanto, antes de alugar um carro ou pegar a estrada, é fundamental entender como funciona o processo de habilitação no Brasil e o que é necessário para obter a Permissão Internacional para Dirigir (PID), documento reconhecido em diversos países.

Antes de mais nada, é preciso ter a Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Para isso, o candidato deve ter pelo menos 18 anos, ser alfabetizado e apresentar documento de identidade e CPF. O processo começa em um Centro de Formação de Condutores (CFC)

credenciado pelo Detran, onde o aluno realiza exames médicos e psicológicos para comprovar que está apto a dirigir.

Quem for aprovado recebe a Permissão para Dirigir (PPD), válida por 12 meses. Durante esse período, o motorista não pode cometer infrações graves, gravíssimas ou reincidência em médias. Cumprido o prazo sem penalidades, a CNH definitiva é emitida.

Com a habilitação em mãos, é possível solicitar a PID. O documento traduz as informações da nossa CNH para vários idiomas e segue o formato definido pela Convenção de Viena sobre Trânsito Viário, de 1968, da qual o Brasil é signatário.



Reeves faz um ator que precisa ir atrás de pessoas a quem deve desculpas, como Martin Scorsese

FOTOS: TOBIN YELLAND

Medo do cancelamento

Em “Consequência”, produção da Apple TV, Keanu Reeves faz jornada de redenção para fugir de chantagem

Famoso como Neo de “Matrix” e como John Wick, da franquia homônima, Keanu Reeves deixa de lado os papéis de ação para interpretar um astro de Hollywood que repentinamente se vê ameaçado de perder sua reputação por conta de um vídeo comprometedor. Essa é a trama de “Consequência” (Outcome), produção original da Apple TV, que estreia na sexta-feira, 10.

Nesta comédia sombria, o ator vive Reef Hawk, que tem de lidar com as repercussões de erros do passado. Afastado dos holofotes há uns bons anos por lutar secretamente contra um vício em heroína, ele é alvo de uma chantagem misteriosa, que envolve a divulgação do tal vídeo com potencial de destruir sua imagem pública.

Para tentar salvar a reputação do cliente e descobrir a identidade do extorsionista, o advogado Ira (Jonah Hill), especialista em crise, elabora uma estratégia incomum. Ele convence o ator a embarcar em uma jornada de reparações. A ideia é que Reef procure e peça desculpas a todos que prejudicou ao longo da vida, sondando nas entrelinhas quem estaria por trás da ameaça, sem que percebam a real intenção. Reef conta com o apoio de seus dois melho-

res amigos nessa empreitada: Kyle, vivida por Cameron Diaz em um papel que consolida sua volta à atuação após uma década de afastamento, e Xander, interpretado por Matt Bomer. Por falar nisso, o próprio Hill está em momento de retomada. Ele assume a direção e o roteiro do longa.

A lista de pessoas a quem Reef precisa pedir perdão gera situações inusitadas, incluindo a necessidade de se desculpar com a mãe e com o cineasta Martin Scorsese, que faz uma partici-

pação no filme. O encontro de Reeves com o celebrado diretor é curioso. Eles estiveram perto de trabalhar juntos.

Essa história envolve ainda Leonardo DiCaprio que, em 2010, adquiriu os direitos do livro “The Devil in the White City”, de Erik Larson, focado na história real do assassino em série H.H. Holmes.

Scorsese assumiu o projeto de adaptar a obra para a telona em 2015. O projeto foi reconfigurado em 2022 como minissérie do serviço de streaming Hulu, com Scorsese e DiCaprio na produção executiva e Reeves escalado como protagonista, rumor que tomou a mídia especializada em 2023. A série marcaria a estreia do ator no streaming, mas Reeves desistiu da produção, que está engavetada por enquanto.

Em “Consequência”, além da abordagem dos bastidores do entretenimento, a produção retrata a vulnerabilidade da figura pública nestes tempos digitais. Hill define o filme como “uma metáfora para o que todos nós passamos, vivendo nas redes sociais”.

Segundo o diretor, a dinâmica virtual transformou o comportamento coletivo. “As redes sociais nos tornaram obcecados pelo que as pessoas que não conhecemos pensam de nós, em vez de nos importarmos com o que as pessoas que nos conhecem melhor pensam de nós”. Ao acompanhar um protagonista que precisa confrontar suas falhas reais para manter o status, “Consequência” aborda de forma direta os mecanismos de gestão de crise e a fragilidade da reputação na era digital. **E**



O filme, uma produção original da Apple, tem no elenco Cameron Diaz e Matt Bomer

Dança de luzes e cores

Rock in Rio terá espetáculo do grupo LightWire no festival; ele chamou atenção do mundo no "America's Got Talent"



LightWire cria coreografias sincronizadas com arte digital; bailarinos usam figurinos tecnológicos formando telas vivas

DIVULGAÇÃO

O Rock in Rio terá mais um show no festival, mas com bailarinos, coreografia, luzes, som, figurinos tecnológicos e projeções mapeadas que promovem uma experiência imersiva singular. A organização anunciou que terá um espetáculo criado pela LightWire na Cidade do Rock: "Ecco". A empresa ficou conhecida no mundo no ano passado quando participou do programa "America's Got Talent". A apresentação recebeu o "Golden Buzzer" do jurado Simon Cowell, recurso que leva o competidor direto para as fases finais, sendo reservado apenas para performances consideradas extraordinárias.

A LightWire se define como uma empresa criadora de experiências que mistura arte digital, tecnologia e arte

corporal. O espetáculo preparado para o Rock in Rio é uma jornada imersiva em 360° em que os recursos tecnológicos se somam a aromas e natureza com uma coreografia inédita para criar uma narrativa envolvente e de apelo ecológico.

Serão cinco apresentações diárias com 20 minutos de duração. O espaço do espetáculo tem capacidade para mil pessoas. Para Roberto Medina, presidente da Rock World, organizadora do festival, "Ecco" traduz o espírito do Rock in Rio ao conectar experiências em prol de um mundo melhor.

"Ecco" terá mais de 15 bailarinos em cena que usarão figurinos luminosos de alta performance, como o PixelWear (modelo com mais de 1.500 pixels de LED controlados individual-

mente) e o NewDress (roupa que utiliza mil metros de fibra óptica iluminados por LED). A coreografia estará integrada a um grande painel de LED sincronizado com os movimentos, criando uma linguagem visual que exige precisão absoluta. O projeto promete envolver o público ao transformar a vibração da floresta em música.

Os bailarinos fazem parte da Elenco Brasileiro, que atua em parceria com a LightWire. As coreografias são milimetricamente sincronizadas com conteúdos gráficos exibidos no painel de LED, de 16 x 8 metros e altíssima resolução. Parte das coreografias, assinadas por Patricia Kfoury e Rafael Scauri, é executada em blackout total. Cada gesto acontece no instante exato das animações, ampliando o impacto da performance.

As apresentações se transformam em uma verdadeira tela viva. Com a interação entre corpo, luz e música, surgem padrões geométricos, paisagens e simbologias que ganham vida diante da plateia. A cenografia também é sensorial: luz, laser, vento, aromas e gelo seco são sincronizados com as performances e o conteúdo visual e sonoro. Ao todo, mais de 80 profissionais estão envolvidos no desenvolvimento do espetáculo, reunindo direção, produção, coreografia, figurino, motion designers, técnicos em eletrônica e em outras áreas.

"O que estamos levando para a Cidade do Rock é um espetáculo pensado em escala – não só pelo tamanho, mas pela forma como conecta tecnologia, corpo e emoção de um jeito que ainda é pouco explorado no mundo", afirmam os irmãos Daniel e Felipe de Almeida, fundadores da LightWire.

Os criadores da empresa atuavam organizando eventos e convenções, agregando tecnologia, conteúdo visual e experiências imersivas. Um dia se questionaram como fazer para que essa produção ganhasse nova dimensão. Eles tiveram a ideia de que o conteúdo "saísse da tela", se materializasse no corpo de um bailarino e retornasse ao ambiente visual, projetando uma ilusão contínua entre o digital e o físico. Desse modo, nasceu a LightWire que oferece uma proposta artística em que tecnologia e performance formam um único organismo em cena. **E**

Filmes e séries

Jim Jarmusch volta às telas

O cineasta independente Jim Jarmusch está com novo filme nos cinemas, “Pai, Mãe, Irmã, Irmão”, ganhador do Leão de Ouro do Festival de Veneza 2025



FOTOS DIVULGAÇÃO

“Pai Mãe Irmã Irmão”

Com direção e roteiro de Jim Jarmusch, o filme é composto de três capítulos ambientados em diferentes países para falar do distanciamento entre pais e filhos. Nos Estados Unidos, os irmãos Jeff (Adam Driver) e Emily (Mayim Bialik) viajam ao encontro do pai (Tom Waits, parceiro habitual dos projetos de Jarmusch), que vive isolado no interior após perder a esposa. Na Irlanda, uma famosa romancista (Charlotte Rampling) prepara um chá da tarde para receber suas duas filhas, Lilith (Vicky Krieps) e Timothea (Cate Blanchett), que têm diferentes estilos de vida. Em Paris, os gêmeos Skye (Indya Moore) e Billy (Luka Sabbat) retornam ao apartamento da família após a morte precoce dos pais.

Em cartaz no cinema

“O Mago do Kremlin”

O produtor Vadim Baranov (Paul Dano) assume como estrategista de comunicação estatal. Nos bastidores, ele é encarregado de construir a imagem de Vladimir Putin (Jude Law). Alicia Vikander também está no elenco.

“A Conspiração Condor”

Em 1976, a jornalista Silvana (Mel Lisboa) apura as mortes dos ex-presidentes Juscelino Kubitschek e João Goulart. Ela levanta a hipótese de uma articulação internacional. Com Dan Stulbach. A direção é de André Sturm.

Destaques do streaming

“Os Outros” - Temporada 3

No catálogo desde o dia 9, a série foca na fuga de Cíbele (Adriana Esteves) e Marcinho (Antonio Haddad) para o interior. Ameaçados pela perseguição de Tavares (Cadu Favero), eles formam alianças com vizinhos como Roberto (Lázaro Ramos).

Globoplay

“Euphoria” - Temporada 3

A nova fase estreia no dia 12. O grupo de amigos enfrenta questões sobre fé e redenção. A trama traz o retorno de Zendaya e Sydney Sweeney e conta com Sharon Stone e Rosalía.

HBO Max

Luana, Luciana, a lua e Artemis II

As redes de IstoÉ reagiram a posts que falaram de Luana Piovani e Luciana Gimenez. Também chamaram atenção os conteúdos relacionados à missão espacial à lua

Luana Piovani desabafa sobre homens inseguros

A atriz Luana Piovani usou as redes para desabafar sobre a insegurança masculina. Ela compartilhou nos Stories um vídeo “genial, genuíno e de fácil compreensão”. O conteúdo, de um rapaz chamado Eduardo Ribeiro, falava que, quando uma mulher “cobiçada, forte, independente e bonita”, escolhe alguém, não há disputa com terceiros, sugerindo que não faz sentido ter ciúmes. Luana concordou e disse que, apesar de ter se envolvido com homens “bonitinhos” e “gostosos”, muitos demonstravam insegurança. Ela deixou um conselho ao público masculino: “Se ela escolheu você, seja feliz. Usufrua dessa sorte”.

Stephanie Mecco



171 mil 453

Luciana Gimenez reage a comentário sobre ela “precisar de homem rico”

A apresentadora Luciana Gimenez recebeu críticas por uma série que iniciou em seu Instagram em que faz coisas pela primeira vez na vida. Em um comentário, uma pessoa disse que ela “precisa de um homem rico”, já que não sabia fazer bolo de cenoura. “Eu não casei sozinha. Fiquei 16 anos casada com uma outra pessoa que estava lá e que quis ficar casada”, afirmou.



155 mil 494

Pesquisa: corrupção eleva rejeição a Lula; Bolsonaro afasta eleitores de Flávio

A ideia de que o presidente Lula (PT) se envolveu ou é conivente com corrupção é a razão de rejeição para 85,9% dos eleitores que declaram não ter intenção de votar no petista. A desaprovação ao governo de Jair Bolsonaro (PL) tem o mesmo efeito para 74,4% dos que rejeitam o voto em Flávio Bolsonaro (PL) para a presidência. Os dados são da pesquisa “Raízes da Rejeição”, do instituto Atlas Intel e da consultoria Arko Advice, divulgada na quarta-feira, 1º. O objetivo do levantamento é identificar os motivos dos altos índices de aversão dos brasileiros às principais lideranças políticas do país.



125 mil 1,3 mil

O primeiro vídeo da Artemis II

O primeiro vídeo dos quatro astronautas da Artemis II repercutiu nas redes. Cristina Koch, uma das tripulantes, afirma que tinha sido resolvido um problema no sistema sanitário que mobilizou a equipe e também pessoas em terra. “Foi apenas um problema por ter ficado parado muito tempo e precisar de um período para aquecer, uma questão de preparação inicial”, disse.



144 mil 4,4 mil

Passageiros de avião registram decolagem da missão Artemis II

Passageiros a bordo de um avião comercial nos EUA tiveram uma visão privilegiada do lançamento da missão Artemis II, da Nasa. Imagens mostram o foguete Space Launch System (SLS) e a cápsula Orion decolando do Centro Espacial Kennedy, em Cabo Canaveral.



110 mil 5,7 mil

www.istoe.com.br

TikTok: www.tiktok.com/@revistaistoe

Instagram: www.instagram.com/revistaistoe/

LinkedIn: www.linkedin.com/company/istoe

YouTube: youtube.com/@revistaistoe

X: x.com/istoe

Facebook: www.facebook.com/istoedinheiro

Palavra por palavra



DIVULGAÇÃO

Ines249

"É muito importante para o Brasil que tenha essa alternativa, nem que fosse para perder. Os brasileiros precisam mostrar que existe alternativa. Vão falar: 'mas não vai para o segundo turno'. Bom, mas se não for para o segundo turno - e eu acho que pode ir e se tiver 15%, ótimo - são 15% com os quais nós vamos chamar alguém (...) e dizer: 'olha, nós vamos apoiar porque nós queremos isso, isso, isso'"

Gilberto Kassab, presidente nacional do PSD, que lançou Ronaldo Caiado como candidato à presidência da República, afirmando que 15% dos votos já seriam um sucesso

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



"Ficar ausente por esse período que engloba a Copa é um desafio enorme, mas o maior de todos é vencer esta etapa. Esse é o meu foco"

Luis Roberto, narrador esportivo da Globo, que se ausentará da TV para fazer tratamento contra um tumor na região cervical



REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



GLOBO/ESTEVAM AVELLAR

"Não faltam túmulos a serem abertos em nossos dias, e muitas vezes as pedras que os selam são tão pesadas (...) que parecem imóveis. Algumas oprimem o coração humano (...); outras (...) rompem os laços entre nós, como a guerra, a injustiça e o isolamento entre povos e nações. Não nos deixemos paralisar"

Papa Leão 14, na missa de Páscoa, exortando a população a não ficar paralisada pela guerra e por injustiças



REMO CASILLI/REUTERS



"Ele não era um cara fácil. Era admirável, amado. Mas trocar ideia com o Silvio Santos era sair com as suas e ficar com as dele. Meu programa mudou de horário 18 vezes em dois anos. Ele me colocou de madrugada quase como castigo. E era ao vivo. Estreei de pijama"

Adriane Galisteu, apresentadora, em entrevista para o programa "Provoca", da TV Cultura, sobre trabalhar com Silvio Santos no SBT

"Voltar a atuar tem sido algo terapêutico para mim. Durante os últimos anos fiquei dirigindo bastante, produzindo e escrevendo. Estava com saudades de ser ator. É a primeira vez que eu faço um vilão e também um drama na televisão"

Lázaro Ramos, ator, em seu perfil nas redes, sobre atuar e estar em diversos projetos recentes, referindo-se à novela "A Nobreza do Amor" e a série "Os Outros; ele também está no cinema com a comédia "Velhos Bandidos"

Paixão sobre rodas.

A front-facing view of a car, mostly in silhouette against a dark background. The car's headlights and front grille area are highlighted with a bright blue glow, creating a futuristic and high-tech aesthetic.

MOTOR SHOW

www.motorshow.com.br

